

Romances primeira, e segunda Parte. Coimbra por Antonio Barreira. 1596. 16. e Lisboa por Manoel da Sylva. 1654. 8.

La Jornada que la Magestad Catholica del Rey Felipe Tercero hizo al Reyno de Portugal y el triunfo y pompa con que le recibio la insigne Ciudad de Lisboa compuesta em varios Romances. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1623. 4.

Todas estas obras sahiraõ correctas, e reimpressas em hum grande volume de folha. Lisboa na Officina Ferreiriana. 1723.

Canto Elegiaco ao lamentavel successo do Santissimo Sacramento que faltou na Sè do Porto. Lisboa por Antonio Alvares. 1614. 8.

Auto del Nacimiento de Christo, y Edicto del Emperador Augusto Cesar. Lisboa por Domingos Carneiro. 1676. 4.

Historia da Arvore Triste. Consta de 96. Outavas. Sahio no principio do Tom. 4. da *Feniz Renacida*, ou *Obras Poeticas dos melhores engenhos Portuguezes.* Lisboa por Mathias Pereira da Sylva, e Joaõ Antunes Pedrozo. 1721. 8.

FRANCISCO RODRIGUES DA SILVEIRA natural da Cidade de Lamego. Militou muitos annos na India com grande valor sendo igualmente perito nos preceitos militares, como nas maximas politicas escrevendo

Reformaçãõ da Milicia da India Oriental repartida em tres livros. O primeiro trata das desordens. O segundo dos remedios para ellas. O terceiro de discursos notaveis sobre materias da fazenda, e bom governo para o Estado da India. Esta obra foy dedicada a Filippe II. e seu Author a offereceo em Madrid no Conselho de Portugal, à qual lhe dà o *Elogio de gran juizio y buena elegancia* Manoel de Faria, e Souza nas *Advert.* ao 1. Tom. da *Asia Portugueza* em os M. S. pertencentes à Asia. Conserva se huma copia deste livro na Livraria do Excellentissimo Marquez de Gouvea Mordomo mór.

Objaçõens do pontual perseguido ás Lusadas de Camoens. M. S. Esta obra esta-

va na Bibliotheca do Cardeal de Souza, que hoje possui o Excellentissimo Duque de Lafoens. Naõ posso certamente afirmar se o Author deste livro he o mesmo, que o do precedente por ter o mesmo nome.

D. FRANCISCO ROLIM DE MOURA naceo em Lisboa no anno de 1572. sendo decimo quarto Senhor da Azambuja, e Montargil, do Morgado de Marmellar, Cõmendador da Cõmenda de N. Senhora da Azambuja, e Presidente da nova Junta das Lizirias em Portugal. Foraõ seus Progenitores D. Antonio Rolim de Moura decimo terceiro Senhor da Azambuja, que acompanhando a El-Rey D. Sebastiaõ na infeliz jornada de Africa depois de experimentar as molestias do cativeiro acabou a vida em a Cidade de Fez, e D. Guiomar da Sylveira filha de Joaõ Rodrigues de Beja, Vedor do Infante D. Luiz, e de sua segunda mulher D. Brites de Souza. Foy ornado de virtudes, e instruido nas Artes proprias de hum Cavalhero, como foraõ Poesia, Mathematica, e destreza de jugar as armas, em cujo exercicio naõ houve quem lhe disputasse a primazia. Cazou duas vezes, a primeira com D. Cecilia de Castro, filha de D. Antonio de Menezes, e Noronha, Alcayde mór de Vizeu, de quem teve a D. Luiza de Castro, que se despozou com Ruy de Moura Telles, Senhor das Villas da Povoã, e Meadas, Presidente do Paço, e Conselheiro de Estado, de cujo consorcio naceo D. Luiza de Moura, que cazou com Nuno de Mendoça segundo Conde de Val de Reys. Passou às segundas vodas com D. Joanna de Mendoça filha de Francisco de Mello, e D. Margarida de Mendoça de quem teve a D. Manoel Childe Rolim decimo setimo Senhor da Azambuja. Morreo a 12. de Novembro de 1640. quando contava 68. annos de idade. Jaz sepultado na Capella mór da Igreja da Misericordia da Villa da Azambuja ao lado do Evangelho sem Epitafio. O insigne Poeta Manoel de Galhegos lhe celebrou com estas vozes metricas o seu nome, e a illustre Casa de que descendia no *Templ. da Memor.* livr. 4. Estanc. 194.

Vòs tambem ò Rolim Senhor insigne
Do primeiro Solar da Lusitania
Fazey que em vòs meu livro se termine
Acabe-o felizmente a vossa Urania,
E ouvindo-vos cantar Homero tema
Que he Virgilio que acaba o seu Poema.
E liv. 3. Est. 155. 156. e 157.

Aquella insigne Caza que do Tejo
Vè sobre Arabes mortos fabricada,
E a que nesse altar pintada vejo
Aos pès do General da longa espada
Mais antigo Solar da Lusitania
E o mais fatal horror da Mauritania.
Aquella brio superior, aquella
Pranta que só com sangue se regara
E os influxos de Marcial Estrella
Veyo no mundo a ser unica, e rara,
E a ter a par do mais soberbo rio
Pequeno, mas antigo Senhorio.
Aquella Paço augusto em que se ostenta
O escudo mais illustre, e mais triumphante;
Aquella real esfera que sustenta
D. Francisco Rolim sublime Athlante.
Este pois a quem eu Principe acclamo
Tambem da Caza de Bragança he ramo.
Nicolào Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag.
358. col. 1. lhe chama *Poeta eruditus*.
Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Liter.*
lit. F. n. 66. *omnis eruditionis, sed artis*
præsertim poeticæ clarus. D. Franc. Man.
Cart. dos AA. Portug. ao Doutor The-
mudo: *Moral, Politico, e Filosofo nos ver-*
sos. Franckenau Bib. Hispan. *Hist. Ge-*
neal. Herald. pag. 142. *Artem poeticam*
adprime caluit. Souza Aparat. à *Hist.*
Gen. da Caza Real Portug. pag. 99. 2.
100. Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 3.
Trat. 5. cap. 8. pag. 270. Jacinto Cordero
Elog. dos Poet. Lusit. Estanc. 9.

D. Francisco Rolim cuyo decoro
Las Musas Españolas y Toscanas
Respetan Cisne quando el Tajo en oro
Urna ofrece a las suyas Lusitanas:
Que de Aganipe despreciando el coro
Zelos le piden yá las Castellanas
De que escriva su heroica gallardia
Sin darles de barato solo un dia.

Compoz

Dos *Novissimos*. 4. Cantos. Lisboa por
Pedro Crasbeeck. 1623. 4. Na censura
que o P. Balthezar Alvares da Companhia
de JESUS fez a esta obra diz ser na inven-
ção, e traça ingenhosa, nas sentenças

grave, rica nas palavras, no estilo sobida,
e elegante, a cujo Author a sciencia, e elo-
quencia podem agradecer, que em taõ es-
treito theatro taõ vivamente as mostrasse.
O P. Antonio dos Reys *Enthus. Poetic.*
n. 41. o louva com estas metricas expres-
soens

..... Moura

Hunc sequitur ravidam qui sacro carmi-
ne mortem

Judiciumque canit; Barathrique incen-
dia, Cælis

Quidquid, & in superis olim fruitura bo-
norum

Est hominum numerosa cohors, cui Nu-
men ab ævo

Dulcia post vitæ certamina dura pa-
ravit

Gaudia, quæ nunquam turbabunt tri-
stia, &c.

Cómentarios de Juan da Vega explica-
dos por D. Francisco Rolim de Moura Se-
nhor da Caza da Azambuja. Lisboa por
Pedro Craesbeeck. 1628. 32.

Ascendencia de la Caza da Azambuja.
Dedicada a D. Gaspar de Gusman Con-
de de Olivares, Duque de S. Lucar. 4.
Naõ tem lugar, nem anno da Impressão
mas da Dedicatoria consta ser composta
no anno de 1633.

Soneto em applauso da Gigantomachia
de Manoel de Galhegos. Sahio impresso
no principio desta obra. Lisboa por Pe-
dro Craesbeeck. 1620. 4.

Apologia em defensa dos Novissimos con-
tra os descuidos, que nelles lhe arguirão
seus emulos. M. S.

Advertencias a alguns erros de Luiz
de Camoens em os Lusíadas. M. S.

Aforimos a seu filho D. Manoel Childe
Rolim de Moura. M. S.

Ley para os dezafios. M. S.

Arte de Tourear. M. S. Esta obra
conservava seu Neto D. Joaõ Rolim.

Na Bibliotheca do Cardeal de Souza
entre os M. S. se conservaõ quatro Sone-
tos seus, sendo o primeiro a huma Cruz
collocada sobre hum monte. Começava.
Da vitoria mayor Sacro Trofeo. O segun-
do à Noute de Natal. *Renova hoje do Sol*
a claridade. O terceiro a huma saudade.
Memorias que en mi pecho detenidas. O
quarto *Dourava o Sol a nuvem que cubria.*

Fr.

Fr. FRANCISCO DE SANTA ROSA naceo em Lisboa donde partio para a India, e na Provincia Serafica de S. Thomè recebeu o Habito onde foy bom Letrado, e grande Prègador. Tinha prompto para a Impressão

Sermoens varios. 2. Tom. 4. M. S.

D. Fr. FRANCISCO DE SANTA ROSA DE VITERBO naceo em o lugar da Flor da Rosa situado no Termo da Villa do Crato sendo filho de Joaõ Gonçalves, e Maria Martins. Na idade da adolescencia professou o austero Instituto dos Frades Menores em o Convento de Portalegre da Provincia dos Algarves a 4. de Setembro de 1712. onde depois de aprender as sciencias severas em que mostrou viveza de engenho as dictou com grande emolumento dos seus Discipulos até jubilar na Sagrada Theologia. Sendo Qualificador do Santo Officio, e Consultor da Bulla da Cruzada, foy nomeado pelo Serenissimo Rey D. Joaõ o V. em 17. de Junho de 1742. Bispo de Nankim, e posto que esteve por algum tempo indecizo na aceitaçaõ desta dignidade como considerasse que com ella se interessava o augmento das Christandades da China cedeo da sua renitencia, e foy Sagrado pelo Eminentissimo Patriarcha de Lisboa D. Thomaz de Almeyda em a Santa Igreja Patriarchal a 17. de Fevereiro de 1743. Neste anno por ordem del Rey Nosso Senbor, e o Serenissimo Infante D. Pedro Graõ Prior do Crato, visitou este Priorado onde reformou muitos abuzos. Compoz

Optativo do Santissimo Nome de JESUS. Lisboa por Pedro Ferreira Impressor da Rainha Nossa Senhora. 1735. 12.

Conjunctivo do Venerabilissimo Nome de MARIA, e o Optativo do Santissimo Nome de JESUS. Lisboa pelo dito Impressor. 1737. 12.

Quinquagium Sacrum suavissimum, sive Quinarium Encomiasticum de Familia Sacra JESU MARIA JOSEPH, JOACHIM, & ANNA in quorum laudem tot Psalmi cum suis Antiphonis recitandi offeruntur, quot sunt Litteræ ex quibus cujuslibet venerabile nomen componitur

additis hymnis, & Orationibus congruis. Ulyssipone apud eundem Typog. 1736. Traduzio de Castelhana em Portuguez.

Thezouro dos Christãos que para cada dia lhes deixou Christo no verdadeiro Maná Sacramentado composto pelo Padre Antonio Velasquez Pinto Clerigo Regular Menor. Lisboa por Domingos Gonçalves. 1739. 4.

Appendix ao Thezouro dos Christãos dividido em tres partes. Tom. 2. em que se prova a mesma materia sobre a Comunhaõ quotidiana convencendo com efficacissimas razoes, e genuinas provas aos da opiniaõ contraria com 10. approvaçoens de Theologos modernos, &c. Lisboa por Bernardo Fernandes Gayo. 1739. 4.

Fr. FRANCISCO DO ROSARIO naceo em a Cidade do Porto donde partindo para o Brasil recebeu o Habito dos Menores no Convento de Nossa Senhora das Neves de Pernambuco a 24. de Abril de 1591. sendo taõ amante da humildade, que ainda que sabia a lingua Latina sempre perseverou no estado de Leygo. Foy rigido cultor da pobreza, e mortificaçaõ servindo-lhe a terra de cama, e as ervas de sustento. Aprendeo a lingua Braslica com a qual doutrinava os Gentios, que habitavaõ o Maranhão devendo-se à sua incansavel diligencia a conversaõ de innumeraveis barbaros. Muito tempo antes de succeder a Restauration deste Reyno a previo profeticamente, e manifestou a muitas pessoas, que lhes parecia chimeira da fantezia, e naõ successõ verdadeiro. Cheyo de annos, e muito mais de religiosas virtudes, morreo na Bahia a 28. de Junho de 1649. *Singularis pietatis vir* he intitulado por Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 324. col. 1. e Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 850. *Viveo sempre com muito exemplo, estranha pobreza, notoria charidade, e rara abstinencia.* Compoz

Cathecismo da lingua Braslica. M. S.

Dos ritos, costumes, trages, e povoaçoens do Maranhão. Este livro veyo a poder dos Olandezes quando se fizeraõ Senhores de Pernambuco. De huma, e outra obra fazem mençaõ Nicolão Antonio, e Jorge Cardoso nos lugares allegados.

D.

D. FRANCISCO DO ROSARIO chamado no Seculo Francisco de Souza Coutinho natural da Villa de Ervedosa, que he izento do Mosteiro de S. Pedro das Aguias da Ordem de S. Bernardo situado na Comarca de Pinhel da Provincia da Beira. Teve por Pays a Domingos da Costa de Aguiar de Azevedo descendente por varonia da Casa de Azevedo, e a D. Margarida Clemente de Souza da Casa dos Senhores de Bayaõ. Deixando as esperanças, que lhe prometiaõ a nobreza do nascimento, e a capacidade do talento, recebeu o Canonico Habito de Santo Agostinho no Convento de Moreira em o anno de 1649. onde se distinguio dos seus companheiros na practica das virtudes, e especulaçãõ das sciencias. Como fosse Primo em quarto grão do V. P. Jorge de Tavora da Companhia de JESUS, que morreo victima da Charidade assistindo aos feridos da peste em Coimbra a 4. de Abril de 1599. do qual fazem honorifica mençaõ o Licenciado Jorge Cardoso *Agiol. Lusit. Tom. 2. pag. 419.* e o P. Franco *Imag. da Virt. do Nov. de Coimb. Tom. 1. liv. 1. cap. 77.* Compoz em verso heroico Latino em que era feliz a Musa do P. D. Francisco do Rosario

Vita, & Martyrium V. P. Georgij de Tavora. 8. M. S. Conserva-se no Real Convento de Santa Cruz de Coimbra. Do Author deste Poema era parente em grão conhecido D. Angela de Azevedo de quem fizemos mençaõ no primeiro Tom. da *Bib. Lusitan.* Tom. 1. pag. 175. col. 1. escrevendo ser natural de Lisboa, e filha de Joaõ de Azevedo Pereira, e D. Izabel de Oliveira, cuja asseveraçãõ retratamos informados de noticia verdadeira pela qual consta ser natural da Villa de Paredes da Comarca de Pinhel em a Provincia da Beira, e filha de Thomè de Azevedo da Veiga Sargento mór da Villa de Paredes, Capitaõ de Infantaria na guerra da Acclamaçãõ, e de D. Maria de Almeida. Foy cazada com Francisco Anciaens de Figueiredo de quem naõ teve descendencia.

Fr. FRANCISCO DO ROSARIO filho de Antonio Serraõ, e Maria da Conceiçaõ naceo na Villa do Barreiro situada

junto ao mar duas legoas distante de Lisboa para a parte do Sul a 27. de Abril de 1688. Recebeo o Habito Serafico no Convento de Setuval da Provincia dos Algarves, e professou em o de Santa Maria de Xabregas a 5. de Outubro de 1709. Estudou Artes, e Theologia no Convento de Valhadolid. Por ser muito dèstro em o Canto-Chaõ, foy Vigario dez annos do Coro, e o ensinou aos Religiosos Agostinhos Descalcos, que o practicaõ com summa perfeiçaõ. Traduzio da lingua Castellhana do Padre Fr. Joaõ Peres Lopes, Leytor de Prima no Collegio de S. Diogo de Çaragoça em a lingua materna

Instantes do Heroe subtil, e Mariano Precursor da mais celeste Aurora, Trovãõ da sua primeira graça, Rayo da sua primeira gloria, luz da sua primeira duvida o V. P. Joaõ Duns Scoto, &c. Lisboa por Miguel Manescal da Costa. 1744. 8.

FRANCISCO DE SA cuja patria he taõ incognita, como conhecida a sua erudiçãõ poetica, e Oratoria, de que deu hum claro testemunho quando a Cidade de Coimbra recebeu no anno de 1527. a seus Augustos Monarchas D. Joaõ o III. e D. Catherina de Austria recitando na sua prezença

Oraçãõ na entrada delRey D. Joaõ o III. e a Rainha D. Catherina na Cidade de Coimbra. M. S. Conserva-se na Bibliotheca do Excellentissimo Marquez de Abrantes. Começa. *Muitas vezes nos mostrou Nosso Senhor manifestamente. Acaba. Esta muy antiga, e muy nobre sempre leal Cidade de Coimbra nunca he alegre verdadeiramente se naõ com vossas alegrias.*

FRANCISCO DE SA, E MENESES primeiro Conde de Matozinhos, Cõmendador de Proença, e S. Tiago de Cassem, e Alcayde mór do Porto, naceo nesta Cidade sendo seus Progenitores Joaõ Rodrigues de Sa, e Alcayde mór do Porto, Senhor de Conselho de Sever de quem se fara distinta memoria em seu lugar, e D. Camilla de Noronha filha de D. Martinho de Castello Branco primeiro Conde de Villa-Nova de Guimaraõ,

*may
Pa de
Meranda*

timão, Camareiro mór delRey D. João o III. Governador da Justiça, e Vedor da Fazenda dos Reys D. Affonso V. D. João o II. e D. Manoel, e de D. Mecia de Noronha filha de João Gonçalves da Camara, Capitão da Ilha da Madeira, e D. Maria de Noronha. Em os primeiros crepúsculos da idade era tal a prudencia do juizo, e gravidade do aspecto com que se distinguia de todos os Fidalgos, que frequentavaõ o Palacio delRey D. João o III. que o elegeo este Monarcha para Criado do Principe D. João seu filho, dezempenhando com tanta satisfação o conceito, que da sua pessoa se tinha feito, que foy substituto de D. Francisco de Portugal primeiro Conde do Vimioso em o lugar de Camareiro mór do mesmo Principe. Semelhante ministerio conferido pela Rainha D. Catharina no anno de 1558. exercitou com a Pessoa delRey D. Sebastião, o qual dimittio por serem nomeados quatro Camaristas cuja eleyção diminuia grande parte de taõ authorizado lugar. Retirado à Cidade do Porto se dedicou ao estudo, que desde a puericia cultivara em que fez excellentes progressos o seu profundo talento, principalmente em a Poesia divertindo com a suavidade da metrificaçã a molestia de pensamentos melancolicos. Não permitio ElRey D. Sebastião, que hum Varaõ taõ insigne estivesse ocioso em beneficio do Reyno, o qual sendo chamado à Corte não sómente o nomeou Capitão da sua Guarda, e Mordomo mór da Princeza com quem se havia despozar, mas o deixou por Governador do Reyno em ambas as occasioens em que passou a Africa. Mayores honras recebeo do Cardeal D. Henrique, que atendendo à sua prudencia, e fidelidade extinctos os lugares de Camaristas o creou seu Camareiro mór a 9. de Outubro de 1578. e seu Conselheiro de Estado dando-lhe o titulo de Conde de Matozinhos, e nomeando-o por hum dos cinco Governadores para a regencia desta Monarchia, e nomeaçã de seu successor. Penetrado de que o dominio desta Coroa se transferisse a Principe estrangeiro para cujo efeito concorrera involuntariamente com o seu voto deixou a Corte buscando a Patria para sepultura

onde acabou a vida a 3. de Setembro de 1584. quando contava 61. annos de idade, e naõ a 17. de Março de 1585. como escreve o Padre Francisco de Santa Maria *Diario Portug.* pag. 350. Jaz sepultado no Convento Serafico da Conceição do lugar de Matozinhos suburbio da Cidade do Porto jazigo dos seus Mayores. João Soares de Brito *Theatr. Lusit. Litter.* lit. F. n. 67. lhe compoz o seguinte epitafio

Ossa

Francisci de Sá de Menezes.

Hoc nullum graviorem virum, vel prudentiorem

Per omnes honorum gradus

Ætas pristina mirata est.

Fuit enim Joannis Principis educationi

Sebastiani Regis prætorie cohorti,

Henrici, atque Philippi Regum cubiculo præpositus,

Ac Consiliis status trium Regum,

Lusitaniæ bis Gubernator

Semel vivente Sebastiano, iterum defuncto Henrico.

Tot tamque diverse sentientium

(Quæ summa apud mortales gloria est)

Judicio magnus.

Foy cazado duas vezes; a primeira com D. Anna de Mendoça filha de Ayres de Souza Cômendador da Alcanhede de Santarem, e a segunda com D. Catherina de Noronha filha de João Rodrigues de Sá Prima de seu Pay, e de ambos estes conforcios não deixou descendencia. Diogo Bernardes. *Lima Carta* 16. escrita ao mesmo Francisco de Sá, e Menezes o louva com estas metricas vozes

Illustriissimo Sá a quem concede

O Ceo todas as partes que a virtude

Para formar hum raro espirito pede.

Materia deu o Ceo a vosso espirito

Para se nos mostrar tal na largueza

Qual sempre na virtude, qual no escrito.

Naõ nega a vossa branda natureza

Os olhos a ninguem, naõ nega ouvidos

A ninguem dá motivo de tristeza.

Os da fortuna menos conhecidos

Esses achão em vòs mais certo amparo

Esses são mais de vòs favorecidos.

Antonio Ferreira nos seus *Poem. Lusit.* pag. 41. vers. lhe dedica a Ode 3. onde o louva da educaçã que dera ao Principe D. João

Ah

Ah tu Francisco viste
 A luz que se acendia
 Naquelle real sprito, que criaste
 Porque ainda tua alma triste
 Suspira, ali provaste
 Quão cedo o fogo a escuridão vencia.

Ena Elegia 1.

Polo publico bem te desvelavas
 Graõ Francisco tuas horas, e tua vida
 Em nossa vida, e honra só gastavas.
 Igual ao pensamento era o teu dito
 Igual ao dito a obra se viveras
 Quanto nós cá de ti ficara escrito.

Ena Egloga 3.

Bem conhecidos são; Sás se chamarão
 Hum de Menezes, outro de Miranda
 De que as Irmãs, e Febo se espantarão.
 E inda hoje entre nós soa a voz tão
 branda

Do seu divino Canto que lhe ouvimos
 Que todo o Ceo aclara, e o ar abranda.

Emman. da Costa Epithalam. Infant.
 Eduard.

Tu quoque pendebas Sasiæ spes maxima
 gentis

Jam venerande puer Francisce, no-
 vemque sororum

Deliciæ vatium quondam tutela future.

D. Franc. Manoel Carta dos A.A. Portug.
 ao Doutor Themudo; heroico, e candido
 Poeta. Franc. de S. Mar. Diar. Portug. pag.
 350. Varaõ digno de illustre memoria pe-
 las grandes prendas, que nelle resplande-
 ceraõ de prudencia, generosidade, e valor.
 Fr. Manoel da Esperança Hist. Seraf. da
 Prov. de Portug. Part. 2. liv. 10. cap. 53.
 n. 4. Excellente Cortezão, e inclinado ás
 letras em particular à Poesia Portugueza.
 E no cap. 43. n. 2. insigne Portuguez. Fr.
 Franc. à D. Aug. Maced. Domus Sadica.
 pag. 81. Vir memorabilis, & in quo pru-
 dentiam, & felicitatem Politici mirentur,
 quod cum sit difficile Principem Summæ
 Reipublicæ successori placere, ille quinque
 Principibus magna semper obzundo mune-
 ra gratus fuerit. Joaõ Soar. de Brir. A-
 polog. a Cam. repost. à Cens. 10. 11. e 12.
 n. 12. Grande, e esclarecido Conde de
 Matosinhos, e no Theatr. Lusit. lit. F. n.
 67. Fuit vir eximia prudentia, & tametsi
 in difficillima tempora inciderit incolumem
 tamen semper sustinuit dignitatem. Entre
 as suas obras Poeticas, Sagradas, e Profa-

Tom. II.

nas de que conservava hum volume na sua
 selecta Livraria o eruditissimo Antiquario
 Manoel Severim de Faria Chantre de E-
 vora são celebres aquellas Redondilhas,
 que compoz quando se retirou ultima-
 mente da Corte, que principiaõ

A tudo quanto dezejo

Acho atalhadas as vias

Intentos, e fantesias

Muy máo caminho me vejo.

Foraõ glossadas por D. Francisco de Por-
 tugal primeiro Conde do Vimioso, e ele-
 gantemente vertidas em versos elegiacos
 Latinos pela insigne Musa do grande Ma-
 cedo in Dom. Sadica. desde pag. 78. até
 81. Começaõ

Omnia, que cupio fugiunt mea vota;
 nec ullo

Quo teneam, video jam superesse modum.

Multa agito mecum, curas & pascor
 inanes

Ut fruar optatis invia facta via est.

Redondilhas ao Rio Lessa. Principiaõ.

O rio de Lessa

Como corres manso

Se eu tiver descanso

Em ti se começa.

Esta Poesia verteo excellentemente em
 Versos Elegiacos, Sáficos, e Alcaycos,
 Joaõ Soares de Brito, e sahiraõ impressos
 na Apolog. de Cam. repost. à Censur. 10.
 n. 12.

† Elegia a Santa Maria Magdalena.
 He em Tercetos cuja obra applaude Fran-
 cisco de Sa, e Miranda no 25. Soneto das
 suas Poesias, que começa

A vossa verdadeira penitente

Quão bem que lhe guardais pontos de-
 vidos

Do sepulchro os Apostolos partidos

Ella não parte, vede o que ali sente.

Elegia a Filiz, cujo principio he o se-
 guinte

Buelve Filiz hermosa a este llano

Dò estes olmos verdes, ò sombrios

Por ti suspiran longamente en vano.

Esta Poesia se lembra com louvor o
 Dezembargador Antonio Ferreira Car-
 ta 13.

Sofrera-se melhor huma elegancia

Branda de amor de ti tambem cantada

Quando Filiz tua doce frauta ouvia, &c.

Soneto em applauso do Doutor Anto-

li

nio

1580
 1.00
 227

In 1598

de pagen
 em 1.00

de Sa
 Miranda

In 15 de Novembro

niõ Ferreira. Sahio impresso no principio dos seus Poem. Lusit. Lisboa por Pedro Craesbeeck. 1598. 4.

FRANCISCO DE SA, E MENESES Cõmendador de S. Pedro de Fins, e S. Cosme de Garfe na Ordem de Christo natural da Cidade do Porto, filho de Joaõ Rodrigues de Sa, e D. Maria da Sylva semelhante ao precedente assim no esplendor do nascimento, identidade do nome, como na cultura da Poesia em que foy insigne, cuja arte praticou com tanta suavidade, e afluencia, que mereceo os Elogios dos mayores alumnos do Parnasso como foraõ Manoel de Galhegos *Templo da Memor.* livr. 4. Estanc. 192.

Naõ vistes vòs (ò celebre Menezes)

Mais maravilhas na Cidade de ouro

Que as que Hymeneo vio dos Portuguezes

Neste da fama celestial thezouro.

Tornay pois a invocar a vossa Clio

E dos Gusmaens eternizay o brio.

E Jacinto Cordeir. Elog. dos Poet. Lusit. Estanc. 29.

Y á Francisco de Sa gloria sucinta

De la immortalidad a que se mueve

Como Menezes Valentias pinta

La pluma, que al ingenio tanto deve.

Livre dos vinculos do matrimonio se deliberou a largar o mundo, cuja resoluçãõ heroicamente executou recebendo o Habito de S. Domingos no Real Convento de Bemfica em que fez a Profissãõ solemne a 14. de Dezembro de 1642. com o nome de Fr. Francisco de JESUS antepondo com judiciousa eleyçãõ este Santissimo nome aos nobres apellidos de Sa, e Menezes de que totalmente se queria esquecer por serem mudos despertadores da vaidade mundana. As principaes virtudes que constituem hum Religioso perfeito praticava com tanta exacçãõ, que servia aos moços de estimulo, e aos velhos de confusãõ. Era na obediencia prompto, na oraçãõ continuo, na mortificaçãõ severo, na charidade ardente. **Cumulado de tantos actos heroicos falleceo piamente a 27. de Mayo de 1664. Foy cazado com D. Antonia de Andrade filha de Balthezar Leytaõ de Andrade Thezoureiro da Casa da India, Cõmendador**

da Ordem de Christo, e D. Joanna de Andrade sua Prima de quem teve Joanna de Sa, e Menezes, que cazou com Fernando da Sylveira segundo irmaõ do Conde de Sarzedas, e Capitaõ de Cavallos em Flandes, Conselheiro de Guerra dos Reys D. Joaõ o IV. e D. Affonso VI. acabando gloriosamente a vida na Batalha das Linhas de Elvas a 14. de Janeiro de 1659. da qual deixou larga posteridade. Celebrou o nome de Francisco de Sa, e Menezes o Licenciado Jorge Cardoso *Agiol. Lusit. Tom. 2. pag. 295. no comment. de 24. de Março. Nicol. Ant. Bib. Hisp. Tom. 1. pag. 359. col. 2. Altamura Centur. 4. fol. 315. Faria Europ. Portug. Tom. 3. Part. 4. cap. 6. Joan. Soar. de Brit. Theatr. Lusit. Litter. lit. F. n. 68. Echard Script. Ord. Præd. Tom. 2. pag. 581. col. 2. Monteir. Claustr. Dom. Tom. 3. pag. 218. Compoz*

Malaca cõquistada por o grande Affonso de Albuquerque Poema Heroico. Offerecido à Catholica Magestade delRey Philippe III. de Portugal. Lisboa por Mathias Rodrigues. 1634. 8. & ibi novamente reformado, por Pedro Crasbeeck. 1658. 4. Consta de 12. Cantos. Na censura, que por ordem delRey fez a esta obra Diogo de Payva de Andrade Sobrinho do grande Theologo do mesmo nome, que foy ao Concilio Tridentino, dos quaes se fez memoria em seus lugares, diz entre outros louyores as seguintes palavras. Faz o Author ser de mayores quilates a perfeiçãõ desta sua obra com os da pureza do seu sangue, e das virtudes naturaes de que he dotado; com que tambem naõ só imita, se naõ iguala, ou ainda excede a prudencia, valor, e merecimento de seus illustres antepassados; authorizando com a excellencia de seus versos a patria que elles honraraõ com o esforço de seus braços. Continua em applauso deste Poema com seguinte Epigramma digno parto da sua grande Musa.

*Horrida concussus miratur prælia Ganges
Dum premit Eoas Lysia turba plagas:
Sistit inexhaustum Tagus ad nova prælia
cursum*

*Pollice magnifico dum vaga pleetra mo-
ves:*

*Ille racemiferos irrorans sanguine Cãpos
Suspi-*

*Suspicit Hesperios, Marte sonante,
duces:*

*Hic Aeriles mulcens celebri dulcedine cau-
tes,*

Despicit Aonios te modulante choros:

Ille beat rutilus Indorum æraria gemmis,

Cantibus hic celsis Lysia Sceptra beat:

Ille potens armis, hic vate potentior, auget

Carmine, quod jaculis obtinet ille decus:

Ille sonat bellis, hic plausibus, ille tuorum

Viribus, hic numeris fertur ad astra tuis:

Hæc divisa procul tu vatum maxime jungis

Egregium absolvens Martis, & artis

opus,

Nam simul exiguis late celeberrima

chartis

Extollunt Gangem prælia, pleetra

Tagum.

Ao mesmo argumento dedicou o Soneto 12. da Tuba de Calliope D. Francisco Manoel de Mello pag. 7. das obras Metricas.

Malaca de Albuquerque conquistada

Tão culto escreves, cantas tão valente,

Que parece que o Barbaro igualmente

Venera a Tuba, que temeo a espada.

Nunca fora a victoria duvidada

Se nella illustre Sã, foras prezente,

Pois o que não rendera o rayo ardente

Bem o rendera a Musa levantada.

Em quanto viva o circular governo

Nas esferas do Olympo Luminoso

Vivirás a pezar do oposto inferno.

Porém tu com excesso mais glorioso,

Que elle sem ti não pode ser eterno,

Mas tu sem elle podes ser famoso.

O Padre Antonio dos Reys Enthuf. Poet. n. 13.

Non aberat, culti par carminis arte,

Malacæ

Sadius excidium, qui cantat viribus

æquis

His quibus intrepidus prostravit mænia

miles.

Compoz mais

Canção em applauso da Gigantomachia de Manoel de Galhegos. Começa

Batid Cisnes del Tajo

Batid alegres las Canoras alas.

Sahio impressa ao principio. Lisboa por Pedro Craesbeeck. 1628. 4.

Soneto em louvor do Templo da Memoria do mesmo Poeta. Lisboa por Louren-

Tom. II.

ço Craesbeeck. 1635. 4.

Soneto á Fama posthuma de Lope da Vega a fol. 134. Madrid. 1636. 4.

Tragedia de D. Maria Telles mulher do Infante D. Joaõ filho del Rey D. Pedro I. e D. Ignez de Castro. M. S. Principia

Horas alegres do ditoso dia.

Conferva-se M. S. na Bib. Real. 4.

Satyras. 8. Estavaõ na Bibliotheca do Illustrissimo Bispo do Porto D. Rodrigo da Cunha como consta do seu Index impresso no Porto em 1627. 4.

FRANCISCO DE SA, E MIRANDA naceo na famosa Cidade de Coimbra a 27. de Outubro de 1495. de cuja patria virtuosamente se jacta na *Fabul. do Mondeg.* Estanc. 7.

Mas sobre todo lo que enriqueciõ

La antigua tierra mia es el thezoro

Del santo cuerpo de su Rey primero

Foraõ seus Pays Gonçalo Mendes de Sã, e D. Filippa de Sã filha de Rodrigo Annes de Sã, e neta de Joaõ Rodrigues de Sã Varaõ digno de eterna memoria pelas acçoens politicas, e militares, que obrou em o Reynado del Rey D. Joaõ o I. Para se instruir nas sciencias amenas, e severas não foy necessario fahir da sua patria onde depois de estudar os preceitos da Poesia, e Oratoria se applicou com mayor disvelo a penetrar as subtilezas da Jurisprudencia Cesarea em que fez tantos progressos o seu maduro talento, e admiravel comprehensãõ, que recebidas as insignias Doutoraes nesta Faculdade a dictou com universal applauso em varias Cadeiras illustrando duplicadamente aquella nova Athenas com o nascimento, e com o magisterio. Por morte de seu Pay em cujo obsequio seguira aquelle genero de estudo se resolveo ainda que convidado pela Magestade del Rey D. Joaõ o III. para administrar os mais honorificos lugares de letras a preferir a contemplaçãõ da Filosofia Moral, e Estoica para onde o inclinava o genio, a todas as honras, e conveniencias, que lhe podiaõ resultar do exercicio de Ministro. Firme em tesoluçãõ tão madura sahio do Reyno a examinar com os olhos as noticias, que aprendera em os livros, e discorrendo pelas melhores Cidades de Es-

panha, principalmente de Italia como fora Roma, Veneza, Napoles, Sicilia, Milão, e Florença observou tudo, que era mais notavel com atençaõ de curioso, e juizo de Sabio. Restituido a Portugal mereceo lograr distintas estimaçoens del-Rey D. Joaõ o III. e ainda mayores do Principe D. Joaõ, que igualmente se delectava da sua discreta conversação, como da lição das suas Poefias. Ao tempo que recebera da liberalidade real a Cõmenda chamada das duas Igrejas da Ordem de Christo em o Arcebispado de Braga se armou injustamente contra a sua pessoa a indignação de hum Cavalheiro muito respeitado na Corte, e querendo como prudente evitar a causa desta emulação se retirou para a sua Quinta da Tapada junto de Ponte de Lima antepoendo a tranquillidade do seu animo a todas as esperanças de mayores mercès, que lhes segurava o particular affecto do Principe D. Joaõ, e do Cardeal D. Henrique. Neste ameno sitio passou o restante da vida com louvavel ocio sem receyo de insolentes, nem dependencia de poderosos. Cazou com D. Briolanja de Azevedo filha de Francisco Machado Senhor da Louzãa, e das terras de Entre Homem, e Cavado, e de D. Joanna de Azevedo, a quem concedendo-lhe liberal a natureza o dote de discreta lhe negou avara o de fermosa merecendo pela excellencia do seu juizo a veneração de seu esposo, que altamente penetrado com a sua morte, se privou por tres annos, que lhe sobreviveo, de todo o genero de alivio explicando parte do seu sentimento pelas vozes daquelle Soneto, que lhe dedicou, e foy o ultimo que compoz

*Aquelle espirito já tambem pagado,
Como elle merecia claro, e puro,
Deixou de boa vontade o Valle escuro
De tudo que cá vio como anojado, &c.*

Desta matrona teve dous filhos, Gonçalo Mendes de Sã, que valerosamente perdeu a vida em Ceuta com o seu Capitão D. Antonio de Noronha filho do primeiro Conde de Linhares cujo lamentavel successo foy argumento da Egloga em que são Interlocutores Umbrano, e Frondelio composta pelo incomparavel Luiz de Camoens. O segundo filho foy Jeronymo

de Sã de Azevedo, que cazou com D. Maria de Menezes filha de Francisco da Sylva de Menezes, e D. Leonor de Mello de quem teve descendencia. Nas suas composições poeticas em que observou por exemplares a Aristoteles, e Horacio não ostentou pompa de vozes, mas copia de sentenças querendo com artificio novo que tivessem mais alma do que corpo. Em muitas dellas reprehendeo com rigida severidade os defeitos de algumas pessoas, que vivião na Corte cujos nomes por ignorados neste tempo fazem difficultosa a intelligencia de alguns Versos. Foy o primeiro, que neste Reyno escreveu Versos mayores, devendo-se pela novidade do invento dissimular alguma imperfeição, que depois emendou a Arte. Sempre amou com tão religiosa observancia o decoro, que até no estilo comico em que he permitida mayor licença se absteve de alguma expressão menos honesta, sendo tambem o primeiro, como escreve Manoel Severim de Faria *Disc. Var. pag. 82. vers. que em a nossa lingua Portugueza o descobrio com geral admiração de todos.* Estudou ser mais profundo aos entendimentos, que armonioso aos ouvidos, e com arte nunca praticada ocultou debaixo das sombras de hum estilo sincero os documentos mais solidos para a instrução da vida moral, e politica. Da lingua Grega foy tão sciente, que lia a Homero no seu Original, e no mesmo idioma o marginava. Tão destramente manejava os Cavallos, como tocava os instrumentos procurando nestes louvaveis exercicios a diversão de cuidados molestos. A todas estas acçoens excedia a piedade summa para com Deos, e o affecto cordial para sua Santissima Mãe praticando os preceitos evangelicos com tanta exacção, que mais parecia Religioso, que Secular. Teve a estatura mediana, e corpulenta, o rosto alvo, e descorado, o cabello preto, e corredio, a barba povoada, e crecida, os olhos verdes, mas com excessõ grandes, o nariz aquilino, e curvado. Foy na pessoa grave, no aspecto melencolico, e na conversação afavel. Ao tempo, que contava 63. annos de idade foy acõmettido da ultima enfermidade, e conhecendo ser chegado o termo da sua vida se prepara

rou com todos os Sacramentos, que recebidos com grande ternura passou de mortal a eterno a 15. de Março de 1558. Jaz sepultado na Igreja de S. Martinho de Carracedo no Arcediagado de Braga em a Capella de Santa Margarida. Para eternizar a memoria de Varão tão insigne lhe mandou Martim Gonçalves da Camara do Conselho de Estado del Rey D. Sebastião, e Ministro muito conhecido no Reynado deste Principe levantar huma sumptuosa sepultura, e nella se lhe gravou o Epitafio seguinte

Rustica, que fuerat solis vix cognita silvis

*Aulica Miranda Musa canente fuit
Maturusque jocos, & ludicra seria ludens
Divina humanum miscuit arte Melos.*

Cum posset gladio transcendere nomen avorum

Maluit arguti militiam calami.

*Posthabuit fasces, & inertis laudis honores
Ac docuit pleetro promeruisse decus*

Omnia Mirandus Mirandus pulvere in ipso est

Pulvere in hoc patriæ gloria scripta manet.

A tão celebrado Poeta elogiaraõ os mayores cultores do Parnaso. Lope de Vega Carpio. *Laurel de Apolo* Sylv. 3.

*Al gran Sá de Miranda
Que le dexe Melpomene le manda.*

Diogo Bernardes Lima Elogio 6.

O nosso Sá Miranda, que entendeo
A sem razaõ do mundo a tyrania

Aqui entre estes montes se escondeo

Onde Senhor de si livre vivia;

Vivia esses bons annos que viveo

Pois que não esperava, nem temia.

Ah discreto Pastor quem te seguisse

Tuas pizadas cá! Quem lá te visse?

Tu nos bosques as plantas, tu nas ferras

As pedras abrandavas com teu canto

Trazido cá por ti de estranhas terras

Com grande enveja duns d' outros espanto.

Agora em longo sono os olhos cerras

Agora estes meus abres ao pranto,

Mas eu não choro só, que choraõ montes

Valles, bosques, prados, rios, fontes.

Por ti Aves, e feras chorar vejo

Os Satyros, os Faunos, os Pastores

Minho, Douro, Mondego, Lima, Tejo

A folha o louro perde, o campo as flores.

As louras Nymfas deixaõ com dezejo

Saudoso de verte seus labores

E polta triste praya em grito solto

Teu nome com suspiros vay envolto.

Antonio Figueira Duraõ Laur. Parnas. Ram. 2.

*Carmina dum Stupidum fundis Miranda
per orbem*

*Pulsari Orpheam credit Apolo Lyram.
Dum feris armonicum subtili carmine ple-*

ctrum

Obstupet Aonidum, Pieridumque Cho-

rus.

Nec mirum est, quod te mirentur ubique

Nam Miranda quidem nomine Musa tua

est.

Antonio Ferreira Poema Lusit. Elog 9.

O bom Poeta já a tua doce, e branda

Voz se callou; já por aqui não soa,

Nem os ventos serena, o mar abranda!

Ah já aquella innocencia santa, e boa

Do bom velho aquella alta, e sam doutrina

Nos deixou quam depressa o melhor voa.

Ah santo velho de mil annos digna

Era tua vida, e inda mil annos cedo.

Quem honra o campo? Quem virtude en-

sina!

Já não do pé da Faya, ou do penedo

Muscofo te ouvirá o campo, e o valle

Cantar da terra, e Ceos alto segredo.

O rio seque, e o campo Apolo calle

Chorem as tristes Irmaãs, nem já aqui soe

Frauta, pois nenhũa há que á tua iguale.

Nem Pastor cante, nem touros croe.

Nem tenha hera, ou loureiro já ver-

dura.

Nem Nymfa da agua sayá, ou ave voe.

Perdeste Apollo já tua fermosura

Do teu Poeta sempre tão cantada

Perdeste, Amor, teu fogo, e tua bran-

dura.

O doce, e grave Lyra temperada

Daquella mão que assi se fez famosa,

Não consintas ser de outra mão toca-

da.

A nossa idade, que tu tão ditoja

Fizeste, te honre sempre, e louve, e

ame

Pois por ti será sempre gloriosa.

P. Ant. dos Reys Enthus. Poet. n. 6.

Nobilis ille senex odio quem vastus ha-

bebat

Oceanus siquidem prohibebat ferre tri-

butum

In

*In mare suspensum cantus dulcedine
Mondam.*

X Fr. Franc. à S. Aug. Macedo Do-
mus Sadica pag. 16. Franciscus Sá Mi-
randa; an Mirandus? Celeberrimus ob
ingenii acumen, & iudicii pondus, &
scientiarum varietatem, morumque inte-
gritatem: qui primus Lusitanis stili na-
sum produxit; soccosque cothurnis mis-
cuit feliciter; togatas satyras in aulam
induxit; & illud pastoritio carmine con-
secutus est, ut Sylvæ Consule dignæ fe-
rent: ultra fabulas Poeta, imo, & sui tem-
poris gratus Momus, & futuri vates,
quemadmodum ejus scripta demonstrant.
Certe nemo melius eo, & aptius jocos se-
rius, ac seria jocos distinxit. Lourenço
Gracian Criticon p. 3. Crif. 12. Seran
eternas las obras de Francisco de Sá, y
Miranda. E na Arte de Ing. Disc. 63.
El sentencioso, y ingenioso Portuguez Sá
Toscano Parallel. de Var. Illustr. Cap.
41. Outro Horacio Lyrico na Poesia, e
Sentenças delle. Macedo Flor. de Espan.
Excel. 9. cap. 8. e Eva, e Ave. Part.
1. cap. 26. e na Lusit. Liberat. Proæm.
1. §. 5. n. 3. Plataõ Luzitano. Bernar-
des Nova Florest. Tom 1. pag. 127. João
Medeiros Correia Elogio de And. de Al-
buq. fol. 27. Fr. Francisco da Nativid.
Lenit. da dor. pag. 26. o intitulaõ Sene-
ca Portuguez. Esperança Hist. Serafi. da
Prov. de Portug. Part. 2. liv. 10. cap. 35.
excellente Cortezaõ inclinado às le tras hu-
manas particularmête á Poesia Portugueza.
Illustrissimo Cunha Hist. Eccles. de Br a-
ga Part. 2. cap. 77. §. 11. Grande Poe-
ta, honra, e gloria deste Reyno Nicol.
Ant. Bib. Hisp. Tomo 1. pag. 359. col-
2. in quibus (falla das suas Poesias) Lu-
sitani sententiarum gravitatem, simul,
& acumen, Sermonis castitatem servatum
uniuscujusque rei decorem, imitatos feli-
cissime veteres Poetas agnoscunt pariter, &
effuse laudant: alterum huic post Camoë-
sium Poetarum suorum Coripheum sine
controversia locum adjudicantes. Franc.
de S. Maria Diar. Portug. pag. 343. Fa-
moso poeta, singular ornamento, e gloria
immortal da Cidade, e Universidade de
Coimbra. Franckenau Bib. Hisp. Geneal.
Herald. pag. 143. n. 475. virum lingue

Grece, antiquitatum; Juriumque do-
ctissimum, ac Poetarum Lusitanorum, si
Ludovicum Camonium excipias, Cory-
pheum. As suas Poesias se publicaraõ
com este titulo.

Obras do Doutor Francico de Sá de
Miranda que M. S. se conserva na Bib.
Real de Pariz num. 8292. como escre-
ve Montfaucon Bib. Biblioth. nova
Tomo 2. pag. 796. col. 1. Sahiraõ im-
pressas a primeira vez Lisboa por Ma-
noel de Lyra. 1595. 4. Novamente im-
pressas com a relaçaõ da sua qualidade,
e vida. Lisboa por Vicente Alvares.
1614. 4. Nesta edicaõ sahio com alguma
diferença da primeira emendada pelo ori-
ginal do Author, que conservava em seu
poder D. Fernando Cores Sotomayor mo-
rador em Salvaterra de Galiza, e caza-
do com huma Neta de Francisco de Sá
de Miranda, que estimou tanto este ori-
ginal, que quiz que entrasse como pe-
ça de grande valor em o dote que rece-
beo. Sahio terceira vez impresso Lisboa
por Pedro Craesbeeck 1632. 32. e quarta
vez ibi por Antonio Leyte Pereira 1677. 8.

Comedia de Vilhalpandos. Coimbra
por Antonio de Mariz. 1560. 12.

Comedia dos Estrangeiros. Coimbra
por João de Barreira. 1569. 8. Foraõ
mandadas imprimir por ordem do Car-
dial D. Henrique, que varias vezes as
mandou representar em sua presença. De
ambas vimos hum exemplar, sahindo a
primeira segunda vez impressa com as
mais obras poeticas. Lisboa por Manoel
de Lyra. 1595. 4. e ambas Lisboa por
Vicente Alvares. 1622. 4.

Satyras. Porto por João Rodrigues
1626. 8.

No Cancioneiro Geral de Garcia de
Rezende. Lisboa por Hermaõ de Cam-
pos. 1516. fol. estaõ duas Glosas a fol.
109.

No Cancioneiro de que foy Collector
Pedro Ribeiro no anno de 1577. e se
conserva na Bibliotheca do Cardial de
Souza, que hoje possui o Excellentissimo
Duque de Lafoens, estaõ duas Elegias.
Huma começa.

O bom Jesu, e por que me não vejo.
Outra

A Mag.

A Magdalena o seu esposo busca.
Vida de Santa Maria Egypciaca. M.S.
 eferita em Redondilhas, que se guarda na
 Livraria do Excellentissimo Conde de Re-
 dondo, e acaba com esta copla

A Deos Leytor, a mais ver
Porque ainda aveis de ver mais:
Mas da Angelica mulher
Admiração dos mortais
Naõ soube mais escrever.

*

P. FRANCISCO SALGUEIRO
 natural da Cidade de Tangere situada na
 Região de Africa donde passando com
 seus Pays Matheus Salgueiro, e Ignez da
 Costa a Portugal afeiçoado ao Instituto
 da Companhia de JESUS recebeu a Rou-
 peta em o Collegio de Evora a 12. de Ju-
 lho de 1676. Aprendeo as sciencias ame-
 nas, e severas em taõ douta palestra para
 depois as ensinar com grande applauso do
 seu nome de que foraõ theatros os Colle-
 gios de Angra, Evora, e Coimbra dictan-
 do letras humanas em o primeiro, Rhetor-
 rica, e Filosofia em o segundo, e Theolo-
 gia, e Sagrada Escritura, em o terceiro,
 sendo admitido ao numero dos Doutores
 em a Universidade de Evora a 21. de Ju-
 lho de 1704. Foy hum dos mayores Le-
 trados do seu tempo de cuja profunda sa-
 bedoria deu claros argumentos no tempo,
 que exercitou o lugar de Reitor do Col-
 legio de Santo Antaõ no anno de 1719.
 Assistindo com fervoroso zelo na Cidade de
 Faro do Reyno do Algarve aos feridos
 de hum geral contagio falleceo entre el-
 les como victima da charidade a 17. de
 Setembro de 1724. Publicou

Sermaõ das Exequias do Serenissimo
Rey D. Pedro II. de gloriosa memoria,
que na Sè da Cidade de Evora celebrou de
Pontifical o Illustrissimo, e Reverendissimo
Senhor Arcebispo D. Simaõ da Gama em
21. de Janeiro de 1707. Evora na Offici-
na da Universidade. 1707. 4.

Fazem delle memoria Franco *Imag. da*
Virtud. do Noviciad. de Evor. pag. 864.
& in Annalib. S. J. in Lusit. pag. 466. Do-
ctor Theologus præclarissimus in adverfi-
tatibus tolerandis illustre erat exemplum,
charitate erga miseros, infirmos, & mo-
rientes omni maior cõmendatione. Fonsec.
Evor. Glorios. pag. 431.

Fr. FRANCISCO DO SALVA-
DOR naceo no lugar de S. Bento da
 Varzea Couto do Convento de Villar de
 Frades no Termo de Barcellos, e foy fi-
 lho de Manoel Carvalho, e Anna Ferrei-
 ra Lavradores honrados, e bem procedi-
 dos. Com igual applicação que emolu-
 mento aprendeo a lingua Latina em que
 fahio muito perito. Abraçou o Instituto
 Serafico no Convento de S. Francisco de
 Santarem onde estudou Filosofia, e no
 Collegio de S. Boaventura de Coimbra
 Theologia, e em huma, e outra Faculda-
 de mostrou, que tinha talento, mas pre-
 ferindo a sciencia dos Santos à das Escho-
 las praticou com grande exacção as vir-
 tudes religiosas. Dormia pouco, traba-
 lhava muito, orava com summo fervor
 destillando dos olhos copiosas lagrimas
 todas as vezes, que ouvia fallar nas Cha-
 gas do Redemptor. Era o primeiro, que
 entrava no Coro à meya noute, e passan-
 do tres horas depois de Matinas se levan-
 tava para chorar os seus peccados, e con-
 siderar na conta, que havia de dar no
 Tribunal Divino. Foy Comissario dos
 Terceiros da Cidade de Leyria, e da Vil-
 la de Guimaraens donde veyo a ser substi-
 tuto deste ministerio na Corte de Lisboa
 do Veneravel Fr. Domingos da Cruz o
 qual exercitou pelo espaço de defeseis an-
 nos com geral accitação. Ao seu fervo-
 roso zelo, e activa diligencia se devem as
 Fundaçoes do Recolhimento de Santa
 Izabel da Villa de Guimaraens no sitio
de Val de Donas, e o Recolhimento da
 Madre de Deos, que hoje he Mosteiro
 da primeira Regra de Santa Clara em a
 mesma Villa. Com animo imperturbavel
 tolerou diversas contradiçoens, que se ar-
 maraõ contra taõ sagrado intento valen-
 dose da sua profunda humildade, e resig-
 nação na vontade Divina para vencer to-
 das as dificuldades. Persuadido dos Me-
 dicos, que uzasse de algum reparo em os
 pès, que tinha muito inchados nunca se
 absteve da austeridade, que praticara
 por todo o discurso da vida, que rendeo
 nas mãos do seu Creador a 15. de Setem-
 bro de 1710. em o Convento de Guima-
 raens quando contava 81. annos de idade.
 Delle faz larga, e honorifica memoria Fr.
 Fernando da Soledade. *Hist. Seraf. da*
Prov.

Prov. de Portug. Part. 5. liv. 4. cap. 35.

36. *Compoz*
Memoria do principio, e suas circumstancias, que teve o Recolhimento de Santa Izabel desta Villa de Guimaraens em que estiverão as Irmãs Beatas Capuchinhas, que vivem em perpetua clausura voluntaria guardando à risca a Regra da Terceira Ordem do N. P. S. Francisco, e seguindo quanto lhe he possível o modo de vida que observão as Religiosas da primeira Regra de Santa Clara. M. S. Conserva-se na Bibliotheca do Real Convento de S. Francisco da Cidade. Descreve-se summariamente a vida, e morte das Veneraveis Irmãs Maria de S. Francisco, Paula do Espirito Santo, e Catherina das Chagas, e a Fundação do Mosteiro do segundo Recolhimento da Madre de Deos, que hoje he Mosteiro da primeira Regra de Santa Clara.

Fr. FRANCISCO SANCHES natural de Lisboa Monge professo da Illustre Ordem de S. Bento cujo Habito recebeu em o Convento de Santa Maria de Monserrate em o Principado de Catalunha das mãos do Abbade Fr. Philippe de S. Tiago. Depois de estudar as sciencias escolasticas em que sahio muito perito se applicou com particular disvelo à lição da Sagrada Escritura, e tal foy o progresso que fez o seu penetrante engenho neste genero de estudo, que escreveu sete Tomos dos quaes sómente vio a luz publica o seguinte

In Ecclesiasten Cōmentarium cum Concordia vulgatæ editionis, & Hebraici Textus. Barcinone apud Sebastianum Mathevat. 1619. 4.

Esta obra, como do Author se lembra Joan. Halleuord. *Bib. Curios.* pag. 89. col. 2. Jacob. le Long. *Bib. Sacra* pag. mihi 944. col. 2. Guilielm. Crovveus *Elench. Script. in Sacr. Script.* e Fr. Gregorio Argæes *Perla de Catalunha* pag. 450. 2. 107.

FRANCISCO SANCHES natural da Augusta Cidade de Braga donde passando com seu Pay Antonio Sanches insigne professor da Medicina a França alcançou grandes estimaçoens pelo seu raro

talento, e profunda especulaçõ na Faculdade Medica. Havendo girado por Italia, e assistido por algum tempo em Roma se restituhio a França, e na Universidade de Mompilher foy Cathedratico de Medicina quando contava a florente idade de vinte e quatro annos. Desta Cidade se trãserio para a de Toloza onde passou o restante da vida, que acabou em idade de 70. annos tendo dictado 25. annos Filosofia, e 11. Medicina, de cujas Faculdades se publicaraõ as seguintes obras posthumas, por deligencia de seus filhos Dionisio, e Guilherme Sanches.

Opera Medica. Tolosæ apud Petrum Bosch. 1636. 4. Comprehendem estes Tratados. De morbis internis libri III. De Febribus, & earum Symptomatis lib. II. De Venenatis omnibus cum signis, & remediis liber. De Purgatione liber singularis. De Phlebothomia lib. 1. De locis in homine liber. 1. in quo pharmacopari docentur rectam applicandorum Topicorum medicamentorum methodum. Observaciones in Praxi. De Formulis præscribendi medicamenta ad Tyrones Medicos. Pharmacopeiæ liber III. seu brevis, & compendiaria præceptorum quæ tyronibus Pharmaciæ conveniunt, collectio tribus libris divisa, quorum prima est de electione medicamentorum. 2. de præparatione medicamentorum, & simplicibus purgantibus. 3. de Compositione medicamentorum. De Theriacæ, & Pharmacopæos liber 1. Examen Opiatarum, Syroporum, Pillularum, & Electauriorum solidorum liber IV. In librum Galeni de Pulsibus ad Tyrones Cōmentarii. In ejusdem librum de differentiis morborum Cōmentarii. In librum III. Galeni de Crisibus Cōmentarii. Censura in Hypocratis opera omnia.

Summa Anatomica in qua breviter omnium corporum principium, situs, numerus substantia, usus, & figura continetur ex Galeno, & Andrea Vesalio collecta. Aditæ sunt etiam annotationes quibus Columbi, & Fallopii repugnantia cum Galeno, & Vesalio opinamenta recensentur.

De multum nobili, & utili scientia quod nihil scitur, deque litterarum pereuntium agone, ejus que causis. Lugduni apud Antonium Gryphium 1581. 4. Francofurti apud

apud Joannem Bernerum 1618. 8. & Retorodami. 1649. 12. Nesta obra estaõ no fim os seguintes Tratados.

De Longitudine, & brevitare vitæ.

In lib. Aristotelis Physiognomicon Comment.

De divinatione per somnum ad Aristotelem.

De Interpretandis Autoribus. Antuerpiæ apud Plantinum. 1582. 8.

Erotemata super Geometricas Euclidis demõstraciones ad Christophorum Clavium anno 1627. A reposta que fez este grande Professor da Mathematica naõ satisfaz à eficacia dos argumentos do nosso Francisco Sanches.

Discurso sobre o Cometa, que appareceo no anno de 1577. Desta obra faz mençaõ seu discipulo Raymundo Delasso.

FRANCISCO SANCHES DE CASTILHO natural da Cidade da Guarda, e Prior da Igreja de S. Tiago de Marvaõ do Bispado do Portalegre donde foy promovido pelo Pontifice no tempo, que assistio na Curia Romana à Abbadia das duas Igrejas em o Bispado de Lamego, que governou com zelo. Morreo no anno de 1558. Tinha prompto para a Impressaõ

Dictionarium Lusitanum, & Latinum. fol.

P. FRANCISCO DE SANDE natural da Villa de Veyros do Bispado de Elvas em a Provincia do Alentejo onde sendo diligentemente educado por seus nobres Pays Martim Figueira Pereira, e D. Leonor Vaz deixou a sua amavel companhia para se alistar em outra mais Sagrada, que foy a de JESUS recebendo a Roupeta no Collegio de Evora em o 1. de Janeiro de 1676. Nesta Univerfidade se instruiu com as letras humanas, e sagradas, que depois dictou com grande applauso chegando à Cadeira de Prima de Theologia em que se doutorou a 31. de Outubro de 1706. Foy Qualificador do Santo Officio, Examinador Synodal do Arcebispado de Evora, e Cancellario da Univerfidade onde falleceo a 11. de Dezembro de 1726. Compoz com bom methodo

Candidatus Eborensis ad Lauream

Tom. II.

Theologicam instructus. Instructiois tomus primus pro prima tentativa, & primo principio de Deo Trino, Sciente, Auxiliante, & Prædestinante. Eboræ ex Typographia Academix. 1726. fol.

Cãdidatus Eborensis ad Lauream Theologicam instructus. Tomus ordine quartus pro Henriquiana ad Theologiam Moralem, & quodlibeticas quæstiones. Continet Sacramentorum in genere practicam, & speculativam notitiam, &c. Eboræ ex eadem Typog. 1726. fol.

Deixou prompto para a Impressaõ *Philosophia.* 3. Tom.

Theologia. 1. Tom.

Faz mençaõ delle o P. Francisco da Fonseca Evor. *Glorios.* pag. 431.

Fr. FRANCISCO DO SANTISSIMO SACRAMENTO chamado no Seculo Francisco Teixeira naceo em Lisboa a 4. de Outubro de 1610. Foy filho de Francisco Teixeira, e Francisca Serraa abundantes dos bens da fortuna. Applicado ao estudo da Gramatica se distinguio em breve tempo de todos os Condiscipulos por ser ornado de entendimento claro, engenho agudo, e feliz memoria. O Pay atendendo mais ao augmento do seu cabedal, que ao progresso, que o filho fazia no estudo para que se industriasse nos interesses da mercancia o mandou a Sevilha ajustar huma larga conta, que tinha com hum seu Correspondente, e concluida esta incumbencia como da sua actividade se esperava restituindo-se à patria resolveo desprezar as riquezas patrimoniaes, e abraçar o sagrado, e austero Instituto dos Carmelitas Descalços, que professou no Convento de N. Senhora dos Remedios desta Corte a 15. de Outubro de 1629. consagrado ao culto da sua Serafica Patriarcha Santa Thereza. Aprendeo Filosofia no Collegio de Figueirõ sendo seu Mestre Fr. Belchior de Santa Anna primeiro Chronista desta Provincia em cujo lugar foy depois nomeado a 30. de Janeiro de 1665. e em Coimbra estudou Theologia sahindo em ambas as Faculdades capaz de as dictar, se a grave prudencia de que era ornado o naõ habilitara para administrar os lugares de Procurador Geral em Lisboa por nove annos, Prior dos

Kk

Conven-

Conventos de Adolhalvo, Santarem, e Lisboa dous trienios, e duas vezes Provincial recusando o Generalato offerendo pelos Gremias por haver assistido com authoridade gravissima a seis Capitulos Geraes como Provincial, e Socio desta Provincia. Mereceo particulares estimaçoens do Conde de Castello-Melhor Luiz de Vasconcellos, e Souza Escrivão da Puridade, e primeiro Ministro del Rey D. Affonso VI. confiando da sua prudente direção, e maduro conselho os mayores negocios desta Monarchia. Pela sua industria conseguiu grandes creditos à Provincia de que era benemerito filho sendo os principaes, que a Universidade de Coimbra fizesse Prestito em dia de Santa Thereza, impedir que se derrubasse o Convento do Porto para no seu sitio se levantar hum Forte, e ser Author das Fundaçõens dos Conventos de Santarem, e das Religiosas da Conceição dos Cardaes nesta Corte. Foy exemplarissimo na observancia regular com tal excessso, que ouvindo tocar o fino para a Oração se despedia promptamente das pessoas com quem estava fallando ainda que fossem da primeira Jerarchia. Dissimulava os agravos proprios, e encobria os defeitos alheos. Todo o tempo, que lhe restava das obrigaçoens de Religioso o empregava na lição dos livros. Sobre alguns achaques, que padeceo pelo espaço da sua vida lhe sobreveyo hum febre catarral, que o obrigou a receber os Sacramentos até que com os olhos fixos em Christo Crucificado lhe entregou o espirito a 12. de Julho de 1689. quando contava 80. annos de idade, e 62. de Habito. Compoz

Epitome unico da dignidade do grande; e mayor Ministro da Puridade, e da sua muita antiguidade, e excellencia. Lisboa por Joaõ da Costa. 1666. 4. Dedicado ao Excellentissimo Senhor Luiz de Vasconcellos, e Souza Conde de Castello-Melhor Escrivão, e mayor Ministro da Puridade del Rey D. Affonso VI. &c. A este livro intitula *doutissimo* o Beneficiado Francisco Leitaõ Ferreira. *Mem. Chronolog. da Univ. de Coimbra* pag. 406.

Nobiliario das Familias deste Reyno, e fora delle. fol. 5. vol. grandes, os quaes

por sua morte com beneplacito do Geral Fr. Affonso da Madre de Deos, do Provincial desta Provincia Fr. Joaõ Bautista, e de Fr. Manoel da Cruz Prior do Convento dos Remedios desta Corte se entregaraõ ao Eminentissimo Cardeal de Lencastro com protesto de não sahirem do seu poder, e fomite para o archivo do Tribunal do Santo Officio.

Arvore Genealogica da Caza dos Marquezes de Niza. Arvore da Familia dos Menezes da linha dos Condes da Ericeira. Destas duas obras faz memoria o P. D. Antonio Caetano de Sousa *Apparat. à Hist. Geneal. da Caf. Real de Portug.* pag. 128. 2. 147. dizendo. *Foy no seu tempo havido por hum dos grandes Genealogicos, e com grande estimação na Corte.*

Carta politica escrita ao Conde de Castello-Melhor Privado del Rey D. Affonso VI. de Portugal. Começa. *Não se pôde, Senhor, negar a natural sympathia aos Astros.* Acaba. *Tudo para gloria de Portugal, e admiração do mundo, idea dos vindouros, credito do seu Rey, honra da sua patria, mayor lustre do seu sangue.* 4. M. S. Consta de 222. paginas. Sem o nome do Author.

Defensorio Apologetico da existencia do Monochato Eliano continuado jure hereditario desde Elias seu Fundador até o presente Seculo, e reposta às objeçoens frivolas por impugnarem a verdade estabelecida com a doutrina dos Santos Padres, fundada na Escritura Santa, authoridade Pontificia, universal sentimento, e approvação dos Doutores assim Classicos, como historicos, e geral tradição constante de seculos immemoraveis. fol. M. S.

Miscellanea de Tratados Moraes, e Historicos, Genealogicos, e Epistologicos. fol. M. S.

Mysticos dos Senhores Reys de Portugal recopilados. fol. M. S.

Fragmentos Historicos. fol. M. S.

Varios pareceres sobre materias Genealogicas. fol. M. S.

Jardim de Portugal, vida de Santas Portuguezas, mulheres illustres, e virtuosas. fol. M. S.

Dos Ricos homens, e mais pessoas notaveis, que florecerão em Hespanha depois

de

de sua Restauração, referindo só as pessoas, qualidades, e dignidades, que tiverão, e os Seculos em que viverão, e mais notabilidades, que os celebrarão. Ordenado pelas letras do A. B. C. 4. M. S.

Fr. FRANCISCO DOS SANTOS natural da Villa de Setubal, e Religioso Professo da Ordem Serafica em a Provincia da Madre de Deos em a India Oriental onde pela sua conhecida prudencia exercitou os lugares de Presidente, e Mestre dos Noviços no Convento da Madre de Deos de Goa no anno de 1643. e de Definidor em o anno de 1646. No tempo que governava o Estado o Vice-Rey D. Miguel de Noronha Conde de Linhares succedeo o lastimoso naufragio da Nào S. Gonçalo de que era Capitão Fernão Lobo de Menezes em a Bahia chamada *Fermosa* junto do Cabo da Boa Esperança no anno de 1632. cujo successo escreveu com este titulo

Relação diaria da viagem, que fez em a Nào S. Gonçalo, e de como infaustamente se perdeu. M. S. 4.

Da obra, como do Author faz memoria *Faria Asia Portug.* Tom. 3. Part. 4. cap. 8. n. 17.

FRANCISCO DOS SANTOS natural de Lisboa filho de Rafael dos Santos Mestre da Carreira da India, e de sua mulher Maria Varella. Estudou letras humanas no Collegio Patrio de Santo Antão sendo Condiscipulo do Licenciado João Franco Barreto, como escreve na *Bib. Lusit.* M. S. Deixando as escolas se applicou à fabrica dos Navios, e sahio nella tão perito, que foy Mestre na Ribeira onde se fabricão. Para instruir perfeitamente aos que quizessem exercitar esta arte escreveu hum livro grande de folha, que intitulou

Renautica.

Nelle representa em varias estampas a fabrica de hum Navio com todas as partes de que se compoem, e os nomes de cada pao, e os quintaes de pregos, que leva, como tambem o linho, estopa, breu, azeite, alcatraõ, chumbo, e todos os mais materiaes necessarios para a sua construcção. Ultimamente debuxou em cada

Tom. II.

folha os retratos dos Vedores da Fazenda da distribuição dos Armazens, que servirão desde a Aclamação do Serenissimo Rey D. João o IV. a quem dedicou este livro, que mandou collocar na sua Real Bibliotheca.

FRANCISCO SARAIVA natural de Braga, insigne professor de Medicina cuja Arte praticou com grande felicidade, e não menor sciencia em a sua Patria. Escreveo

Discurso sobre a incorruptibilidade do corpo do Arcebispo de Braga D. Lourenço Vicente, quo morrendo no anno de 1397. foy achado incorrupto a 4. de Julho de 1663.

Destá obra, e seu Author se lembra o Licenciado Jorge Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 542. no Cõment. de 4. de Junho letr. L. onde lhe chama *Medico perito.*

FRANCISCO SARAIVA DE SOUZA natural da Villa de Trancofo do Bispado de Viseu em a Provincia da Beira. Applicou-se em a Universidade de Coimbra à Faculdade dos Sagrados Canones em que recebeu o grão de Licenciado. A sua Litteratura acompanhada de procedimento inculpavel o fez digno de ser Parocho de N. Senhora dos Martyres de Lisboa, e Confessor das Religiosas do Serafico Convento de Santa Martha da mesma Cidade. Foy muito versado na Theologia Mystica, e na lição dos Santos Padres. Compoz

Baculo Pastoral de flores de exemplos colhidos de varia, e authentica historia espiritual sobre a doutrina Christã. Dedicado ao Serenissimo Senhor D. Theodosio II. deste nome Duque de Bragança. Lisboa por Pedro Craesbeeck. 1624. 4. & ibi por Henrique Valente de Oliveira. 1657. 4. Acrecentado com o Auto de Contrição composto por Fr. Francisco de Azevedo Cõmissario da Ordem Terceira do Carmo, e com a Historia do Purgatorio de S. Patricio. Lisboa por Antonio Rodrigues de Abreu. 1676. 4. & ibi por João Galraõ. 1682. 4. & ibi pelo dito Impressor. 1690. 4. & ibi por Antonio Pedrozo Galraõ. 1698. 4. & ibi pelo di-

Kk ii

to

to Impressor. 1708. e 1719. 4.

Parte segunda. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1708. 4.

Soneto em applauso de Gaspar Pinto Correa Author do Livro intitulado *Lacrymæ Lusitanorum.* Impresso no principio desta obra. Ulyssipone apud Petrum Crasbeeck. 1613. 8.

FRANCISCO DE SERQUEIRA natural da Villa de Amarante Cavalleiro Professo da Ordem Militar de S. Tiago filho de Miguel Correa, e Pay do Doutor Gaspar Serqueira Coelho de quem se fará menção em seu lugar. Estudou as Leys Imperiaes, e os Canones Ecclesiasticos nas celebres Universidades de Salamanca, e Pariz, onde recebeu o grão de Doutor em ambas estas Faculdades. Foy insigne Poeta assim Latino como vulgar, muito inclinado à Musica, que praticou com summa perfeição, e tocou varios instrumentos com igual destreza, que consonancia. Passou á India, e depois de se distinguir em diversos combates com os inimigos do Estado, morreo deixando do seu nome gloriosa memoria. Compoz, e reduzio a hum volume

Poesias varias. M. S. 4.

Fr. FRANCISCO DA SILVA nasceu no lugar da Telha do Patriarchado de Lisboa no anno de 1583. sendo filho de Pedro Correa da Sylva, e D. Antonia Jozefa de Miranda de igual nobreza à de seu Conforte. Na florente idade da adolescencia deixou as delicias da Casa paterna, e se recolheu ao Claustro do Convento do Carmo cujo Instituto professou a 5. de Outubro de 1603. Sahindo consumado nas sciencias escolasticas as dictou no Collegio de Coimbra, e Convento de Lisboa com grande credito do seu magisterio, e na Universidade de Evora se graduou Doutor na Faculdade Theologica a 19. de Mayo de 1624. sendo o primeiro Regular, que nesta Academia, executando os Padres Jesuitas, recebeu as insignias doutoraes. Foy taõ grande Prègador, como profundo Theologo, naõ havendo Junta de Letrados para decisaõ de materias gravissimas à qual naõ fosse chamado por ser sempre o seu voto regu-

lado pelos dictames de huma consciencia timorata. Entre a severidade dos estudos maiores cultivou os Campos do Parnasso sendo hum dos Poetas mais discretos do seu tempo, e como tal o louva Jacinto Cordeiro *Elog. dos Poet. Lusit. Estanc.* 51.

*Fray Francisco da Sylva illustre ensena
Quando con pico de oro el gusto amaga
Que a muchos Cifnes con rason desdena
Y a muchos gustos eloquente paga.
Que humano entendimiento nõ despeña
Si en divinos conceptos nos propaga
Copias de insigne sangre en los cõceptos
Rayo de admiracion para discretos.*

Nos lugares, que occupou na Religiaõ deu claros argumentos da prudencia do juizo, e magnificencia de animo, pois sendo eleyto Prior do Convento de Lisboa em 2. de Fevereiro de 1625. mandou lagear a Capella mòr, e plantar o jardim, que orna ao Claustro. Em 13. de Mayo de 1628. subio ao lugar de Provincial, e chegando neste tempo a noticia de estar Canonizado pela Santidade de Urbano VIII. Santo Andrè Corsini Bispo de Fefoli a celebrou com as demonstraçoens de pompa da qual ainda permanece a memoria. Quando os seus merecimentos eraõ acredores de grandes dignidades falleceo de huma enfermidade maligna a 12. de Agosto de 1633. com 49. annos, e 8. mezes de idade. Na sua sepultura se lhe gravou este Epitafio

Aqui jaz o M. R. P. M. Fr. Francisco da Sylva Prior, que foy deste Convento, e Provincial desta Provincia, Religioso em seus tempos insigne em Letras, e Pulpito. Falleceo em 12. de Agosto de 1633.

Deixou promptos para a Impressaõ *Sermoens varios.* Consta de Domingas do Advento, Quaresma, e outros assumptos Panegyricos. Conservaõ-se na Livraria do Convento de Lisboa. Delle fazem memoria Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 3. liv. 2. Trat. 8. cap. 47. pag. 632. e Fr. Manoel de Sã *Mem. Hist. dos Escrit. do Carm. da Prov. de Portug.* pag. 166. n. 236. até 241.

FRANCISCO DA SYLVA natural da Cidade de Bragança em a Provincia Trans-

Transmontana igualmente douto na lição dos Filósofos antigos, e Santos Padres, como nas disciplinas mathematicas. Escreveo

Opusculo da Infancia, e puericia dos Principes. Lisboa por Paulo Craesbeeck. 1644. 4. He louvado por D. Franc. Man. *Carta dos AA. Portug.* e João Soar. de Brito *Theatr. Lusit. Litter.* lit. F. n. 81.

FRANCISCO DA SYLVEIRA Coudel mór, e Claveiro da Ordem Militar de Christo, Senhor da Casa de Sarzedas, e do Conselho delRey D. João o III. filho de Fernão da Sylveira Senhor de Sarzedas, e Regedor da Casa da Supplicação, e de D. Izabel Henriques filha de D. Fernando Henriques Senhor das Alcaçovas, e D. Branca de Souza. Foy verificado em todo o genero de erudição principalmente na Poesia heroica, e lyrica deixando muita copia de versos tão elegantes, como conceituosos, dos quaes se publicaraõ alguns no *Cancioneiro* de Garcia de Resende impresso em Lisboa por Herman de Campos 1516. a fol. 2. 4. 7. 87. 88. 157. vers. 162. vers. atè 168. Militou na India com grande fama de valeroso sendo Capitaõ de Chaul, Dio, e Sofala. Foy cazado com D. Margarida de Noronha filha de D. João de Noronha o dentes, e de D. Joanna de Castro herdeira do Condado de Monsanto. Delle faz memoria D. Luiz de Salazar e Castro *Hist. Geneal. de la Caza de Sylv.* liv. 9. cap. 4. n. 18.

P. FRANCISCO SOARES chamado no Seculo Francisco Soares de Alarçãõ teve por Patria a Villa de Torres Vedras do Patriarchado de Lisboa, e por Progenitores a João Soares de Alarçãõ, e Mello settimo Alcayde mór de Torres Vedras, Senhor desta Casa, e de Villa de Rey, Mestre Sala da Casa Real, Cõmendador de S. Pedro de Torres Vedras da Ordem de Christo, e a D. Izabel de Castro, e Vilhena, irmãa de D. Jorge Mascarenhas primeiro Marquez de Montalvaõ. Ainda não tinha completos quatorze annos quando com resolução mayor, que a idade recebeo a Roupeta da Companhia de JESUS na Casa Professa de S.

Roque a 5. de Fevereiro de 1619. Pela intempestiva morte de seu irmão mais velho D. Martinho Soares de Alarçãõ succedida em Tangere no anno de 1623. succedeo no opulento Senhorio da sua Casa, e posto que foy importunado com repetidas instancias para que deixando a Religião viesse administrar tão nobre patrimonio o desprezou heroicamente nomeando para Successor delle a seu irmão menor João Soares de Alarçãõ, que foy Marquez do Trocifal, e Conde de Torres Vedras. Aprendeo as letras humanas no Collegio de Coimbra em que tanto se distinguio o seu vivo engenho, ou fosse no estylo Poetico, ou Oratorio, que sempre alcançou o primeiro premio entre os seus Competidores. Quando dictou Humanidades no Collegio de Lisboa defendeo duas celebres Conclusoens sendo o assumpto das primeiras *Septem orbis miracula*, e das segundas *Novem Romæ Heroes*, que lhe conciliarãõ não pequeno applauso pelo artificio com que estavaõ cõpostas. Não foy menor o progresso, que a sua comprehensãõ fez nas sciencias severas lendo Filosofia, e Theologia atè jubilar na Cadeira de Prima em o Collegio de Coimbra, onde os Cathedraticos da Universidade Professores da Jurisprudencia Canonica, e Civil se admiravaõ da promptidaõ com que repetia qualquer texto, que lhe opunhaõ. Nos actos litterarios nunca transcendeo os Limites da modestia, antes quando era insultado por algum arguente indiscreto sempre conservou o animo inalteravel. Depois de illustrar a Coimbra com as suas letras passou à Universidade de Evora a ser Lente de Prima onde recebeo o grão de Doutor a 6. de Junho de 1655. e foy Qualificador do Santo Officio. Duas vezes esteve prezo por sospeita de inconfidencia procedida de seu irmão ter passado para Castella com outros Fidalgos no tempo, que Portugal aclamou por seu legitimo Soberano a ElRey D. João o IV. e de ambas estas duas occasioens sabio mais purificada a sua innocencia, e manifesta a sua fidelidade. Foy ornado de todas as virtudes religiosas sendo humilde, compassivo, modesto, penitente, e charitativo. Supplicou com repetidas instancias ao Geral Mucio Vitel-

Vitelleschi a faculdade para pregar as verdades Evangelicas em o Japão, de cuja supplica nunca alcançou o dezejado despacho. Ao tempo que era Reytor do Collegio de Evora ordenou a Serenissima Raynha Regente D. Luiza Francisca de Gusmaõ, que os Estudantes daquella Universidade fossem presidir a Praça de Jurumenha por ser preciso socorrer Elvas, que estava reduzida ao ultimo perigo pelas armas Castelhanas. Resolveo-se no Claustro da Universidade, que acompanhasse o Reytor aos Estudantes, o qual chegando a Jurumenha recebeu a feliz noticia de estar libertada Elvas com igual gloria dos Portuguezes, que fatal destruction dos Castelhanos. Depois de ter entrado nesta Cidade para applaudir taõ insigne victoria, voltou para Jurumenha onde a tempo, que estava assistindo a hum enfermo com os Padres Diogo de Alfaya Lente da Universidade, e Diogo Cardoso forão arrebatados com cem Estudantes pela violencia do fogo, que casualmente se ateou em hums barriz de polvora, que estavaõ em huma casa inferior do Governador da Praça, cuja lastimosa fatalidade succedeo a 19. de Janeiro de 1659. Entre os estragos, que fez o incendio, foy achado hum fragmento do corpo do P. Francisco Soares conhecido pelo finete do lugar de Reytor, que tinha em a algibeira, onde tambem se viraõ o cilicio, e disciplinas com que macerava o corpo. Este foy o tragico fim, que teve a vida deste Varão Religioso digna certamente de mayor duracão, cuja memoria celebraraõ diversas pennas como são Fr. Franc. à D. Aug. Maced. *Secund. sent. Collat. differ. 2. sect. 5. insigni Magistro, magno Soario, si vivere contigisset diutius, haud impari, ut opinor, futuro.* Fr. Ant. Correa *Vid. do V. Ant. da Conc. Part. 3. cap. 3. de quem a Sagrada Companhia de JESUS dignamente se pòde gloriar.* D. Franc. Manoel *Cart. dos AA. Portug. ao Doutor Themudo.* Francisco Soares, que nas letras, como no nome he huma viva imitacão do primeiro. *Bib. Societ. pag. 254. Fuit vir omnibus plane numeris absolutus, clarus genere, litteris eruditus, ad gubernandum natus.* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter. lit. F. n. 77. Sed longe ma-*

ior viro pietas, prudentia, & morum comitas, nec minor in adversis constantia. Franco *Imag. da Virtud. em o Nov. de Lisboa liv. 3. cap. 48. n. 1. Gravissimo Padre, e Doutor Sapientissimo, & in Ann. Glor. S. J. in Lusit. pag. 33. In Magisterijs nihil ac praelarius opinio par sapientiae, ingenium, acumen, & memoria praestantissima, & in Annalib. S. J. in Lusit. pag. 232. n. 4. domo, an virtute illustrior, aut certe utraque illustrissimus: nihil in eo humile.* Soar. de Alarcão. *Relaç. Geneal. de la Casa de los Marq. do Trocif. pag. 385. col. 2. Nicol. Ant. Bib. Hisp. pag. 245. col. 1. chamando-lhe por equivocacão Diogo.* Fonseca *Evor. Glorios. pag. 431. Compoz*

Cursus Philosophicus in quattuor Tomos distributus, quorum primus comprehendit Logicam. Secundus Physicam, de Caelo, Meteora, & libros de parvis naturalibus. Tertius de Generatione, & de anima. Quartus Methaphysicam. Conimbricæ Typis Pauli Craesbeeck. 1651. fol. 2. Tom. & Eboræ Typis Academiae 1669. fol. 2. Tom.

Tractatus de Penitentia. Eboræ Typis Academiae 1678. fol.

De Censuris Ecclesiasticis, & Bulla Cæne. M. S. fol.

Commentaria in Primam Partem D. Thomæ. M. S. fol.

Estas duas obras estavaõ promptas para a Impressão como afirmaõ a *Bib. Societ. pag. 254.* e Franco *Imag. da Virtud. em o Noviciad. de Lisboa. pag. 968. e 969.*

FRANCISCO SOARES FEYO Medico do partido del Rey em a Universidade de Coimbra, e taõ perito na practica, como na especulacão desta Faculdade Compoz

Tratado do Scrubuto, a que o vulgo chama mal de Loanda. Lisboa por Manoel Gomes de Carvalho. 1649. 4.

Tratado de como se devem abrir as fontes, e da enfermidade do bicho. Sahiraõ impressos estes Tratados no fim da *Recopilacão da Curgia* composta por Antonio da Cruz. Lisboa por Manoel Carvalho. 1645. 4. & ibi por Antonio Craesbeeck. de Mello. 1669. 4. & ibi por Miguel Deslandes. 1688. 4. & ibi por Bernardo da

da Costa de Carvalho. 1711. 4.
Do Author se lembraõ Joan. Soar. de Brito *Theatr. Lusit. Litterat.* lit. F. n. 78. e D. Franc. Manoel *Carta dos AA. Portug.* ao Doutor Themudo.

FRANCISCO SOARES TOSCANO natural da Cidade de Evora onde se applicou às letras humanas, e Filosofia em que sahio egregiamente versado, não o sendo menos em a lição da Historia Sagrada, e Profana como manifesta a obra seguinte, que escreveo em applauso dos Heroes, que produzio o nosso Reyno

Parallelos de Principes, e Varoens illustres antigos, e que muitos da nossa Nação Portugueza se asemelharão em suas obras, ditos, e feitos com a origem das Armas de algumas Familias deste Reyno. Dedicado a D. Theodosio II. do nome, e setimo Duque de Bragança. Evora por Manoel Carvalho. 1623. 4. Sahio segunda vez impresso. Lisboa na Officina Ferreiraiana. 1733. 4. com o additamento de 60. Parallelos compostos pelo Excellentissimo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes

Theatro Lusitano. Desta obra a que se refere no cap. 16. 25. 39. 81. e 150. fallando no Prologo dos Parallelos diz estas palavras. *Quando sahir à luz, onde com o favor de Deos espero fazer hum bom serviço à nobreza deste Reyno apurando, e ordenando-lhe por exemplos as cousas mais notaveis delle em forma, que escuzem buscallos noutras historias, nem tenham inveja às dos outros Reynos da Europa.*

Do seu nome fazem honorifica menção Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 368. col. 2. Joan. Soar. de Brito *Theatr. Lusit. Litter.* lit. F. n. 79. Franckenau *Bib. Hisp. Gen. Herald.* pag. 146. n. 85. chamando-lhe *antiquitatum, historiarumque patriæ sedulus investigator.* e *Fonsec. Evor. Glor.* pag. 412.

D. Fr. **FRANCISCO SOARES DE VILHEGAS** naceo em a Cidade de Lisboa sendo filho de Bernardo Drago, e Francisca Soares de Villas Boas. No Cõvento de Villa de Moura primogenito da Provincia Carmelitana neste Reyno recebeu o Habito a 22. de Outubro de 1610.

onde professou solemnemente a 24. do dito mez do anno seguinte. Estimulado de não ser admitido ao Curso da Filosofia; ou impellido da fortuna, que benevola o convidava em Paiz estranho deixou a Patria, e na Universidade de Alcalà estudou Artes donde passando a de Bordevx em o anno de 1615. se applicou à Theologia especulativa com tanto applauso do seu nome, que recebido o grão de Doutor a 10. de Dezembro de 1624. foy Lente de tão sublime Faculdade, como de Filosofia nesta florentissima Universidade. No Capitulo celebrado em Roma a 18. de Mayo de 1625. em que sahio eleyto Geral Fr. Gregorio Canal defendeo humas Conclusões de Theologia Positiva compostas sobre o primeiro, e decimo Capitulo das Profecias de Ezechiel cuja sustentação admirou a todos os expectadores daquelle acto litterario. Chegando à noticia da Serenissima Raynha de França D. Anna de Austria a profundidade das suas letras o nomeou seu Prégador no anno de 1644. cujo ministerio como o de seu Conselheiro confirmou por Alvarà expedido a 20. de Março de 1648. o Christianissimo Monarcha Luiz XIV. Este Principe o propoz à Santidade de Innocencio X. para Bispo de Memfiz, ou grão Cairo sendo Sagrado em Roma no Convento do Carmo de Santa Maria Transpontina a 21. de Dezembro de 1649. pelo Eminentissimo Cardeal D. Julio Roma Bispo Portuense. Por mercè delRey, e facultade do Pontifice teve huma pensão de mil e quatrocentas livras Francezas no Deado de S. Martinho Turonense. Tanto, que chegou ao seu Bispado o nomeou Innocencio X. Legado Apostolico na Etiopia, e depois de ter exercitado este honorifico lugar com prudencia, e regido o Bispado com vigilancia, voltou a Roma donde passando a França, e renunciando a dignidade Episcopal lhe deu Luiz o Grande huma grossa pensão a 18. de Abril de 1662. em o Bispado de Rhodes quando a elle foy assumpto o Illustrissimo Luiz Abely bem conhecido pela sua grande erudição. Tendo chegado á idade de 70. annos acabou a vida em a Cidade de Pariz a 17. de Abril de 1664. Jaz sepultado no meyo do Coro do Convento do Carmo da mesma

Cida-

Cidade situado na Praça de Manbert. Fazem menção deste Prelado. F. Dan. à Virg. Mar. *Specul. Carmel.* Tom. 2. part. 5. lib. 3. pag. 921. n. 3218. e pag. 1083. n. 3800. Casanate *Parad. Carm. Dec.* Stat. 5. Æst. 18. cap. 171. p. 492. Fr. Pantal. Baptist. *Ramilhet. Spirit.* liv. 5. cap. 6. pag. 412. n. 16. *Vinea Carmeli* Part. 6. cap. 7. pag. 523. n. 932. Nic. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 297. col. 2. onde por equivocação o chama *Fernando* e pag. 368. col. 2. Joan. Soar. de Brito *Theatr. Lusit. Litter.* lit. F. n. 80. Carvalho *Corog. Portug.* Tom. 3. liv. 2. Trat. 8. cap. 47. pag. 624. Fr. Manoel de Sa *Mem. Hist. dos Escrit. do Carm. da Prov. de Portug.* pag. 170. n. 242. até 245. D. Manoel Caet. de Souf. *Cathal. Histor. dos Pontif. e Bisp. Portug.* pag. 151. Compoz

Epilogus universæ Dialecticæ quas Stimulas vulgò dicunt. Burdigalæ apud Simonem Millangium. 1622. 4.

Jardin Sacre du Louvre. Paris ches Antoine Robinot. 1643. 16.

Oraison funebre al' auguste memoire de Louys le Juste 13. du nom tres Chrestien Roy de France & de Navarre prononcíe dans l' Eglise du grand Convent des Carmes de Paris le 25. Juin 1643. Paris por Claudio Murette 1643. 4. Foy mandada imprimir esta Oração por ordem del Rey Christianissimo Luiz XIV.

Mysterij pacis & Christianæ concordie votiva Tabella Theologica adumbrati interpretatio, &c. Romæ per Hæredes Corbelleti. 1645. 4. He huma congratulação ao Pontifice Innocencio XI. à paz celebrada entre França, e Castella sobre hum Emblema aberto em huma estampa, e explicado em Prosa, e Verso.

FRANCISCO DE SOUZA Poeta insigne em o Reynado del Rey D. Manoel igualmente illustre pelo nascimento que pelo engenho escrevendo grande copia de Versos dos quaes alguns se lem impressos desde folha 213. vers. até 215. do *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende. Lisboa por Herman de Campos 1516. fol.

FRANCISCO DE SOUZA natural de Lisboa donde passando à Universidade de Coimbra se applicou ao estudo da Jurisprudencia Cesarea, da qual teve por Mestre ao celebre Cathedratico Ruy Lopes da Veiga, que dictou esta Faculdade desde o anno de 1569. até 1598. Com a doutrina de taõ insigne Jurisconsulto sahio profundamente douto nas difficuldades de hum, e outro Direito por ser dotado de perspicaz engenho, e feliz memoria. Deixando a Patria passou a Flandes, e na Cidade de Bruxellas exercitou o Officio de Advogado Fiscal com geral credito da sua litteratura até que em Florença onde deixou grande opiniaõ do seu talento acabou a vida. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 366. col. 1. e Joan. Soar. de Brito *Theatr. Lusit. Litter.* lit. F. n. 73. fazem menção da obra seguinte que publicou

Repetitiones ad L. Fæminam ff. de regulis Juris. Ad 2. Actionum Instit. de Actionibus, & Cõment. ad Tit. ff. de pactis. Antuerpiæ apud Hyeronimum Verdussen. 1618. fol. & ibi apud Guilielmum de Tongris 1625. fol. & Matriti ex Typ. Regia. 1626. Dedicado a D. Joaõ Afonso Pimentel Conde de Benavente.

FRANCISCO DE SOUZA natural da Cidade do Funchal Capital da Ilha da Madeira, e nella Feitor del Rey, muito curioso da lição da Historia, e naõ menos investigador das Antiquidades, escreveu.

Tratado das Ilhas novas, e descobrimento dellas, e outras cousas, e assi sobre a gente da Nação Portugueza, que està em huma graõ Ilha, que nella foraõ ter no tempo da perdição de Espanha, que ha trezentos, e tantos annos em que reynava El Rey D. Rodrigo, e dos Portuguezes, que foraõ de Viana, e das Ilhas dos Açores a povoar a terra nova do Bacalhao say em setenta annos, de que succedeo o que adiante se trata, anno do Senhor de 1570. fol. M. S. Conserva-se na Bibliotheca do Excellentissimo Marquez de Abrantes. Começa. *Ouve em tempos antigos nas Espanhas huma taõ grande seca, &c.*

Fr. **FRANCISCO DE SOUZA** natural da Cidade de Faro em o Reyno do Algar-

Algarve filho de Jeronymo de Souza Sargento mór da mesma Cidade, e de D. Izabel Monteiro, e irmão de Christovão Peres de Souza Secretario da Meza da Conciencia. Tendo professado o Instituto Serafico em a reformada Provincia da Piedade se incorporou em a Observante de Portugal onde assim no Pulpito, como na Cadeira foy admirado o seu talento. Ao tempo que occupava o lugar de Custodio da Provincia o chamou o Reverendissimo Fr. Bernardino de Sena para Secretario Geral da Ordem em cujo lugar se fez taõ estimavel pela sua prudencia, e capacidade que uniformemente foy preconizado Comissario Geral da Familia Cismontana por todos os Capitulares que estavam juntos para celebrar o Capitulo Geral em Vallhadolid no anno de 1633. Porém deste lugar para o qual o habilitara o seu merecimento o privou o artificio ambicioso de outro Capitular que nelle sahio provido. Penetrado deste successo se recolheu a Portugal onde foy Definidor no anno de 1651. e Confessor, e Vigario das Religiosas do Real Mosteiro de Santa Clara de Lisboa em o anno de 1654. O P. Fr. Fernando da Soled. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. liv. 3. cap. 40. lhe chama *insigne sogeito, e que ainda hoje tem nesta Provincia gloriosa fama.* Compoz

Oratio habita in Comitiiis generalibus Ordinis Minorum celebratis Vallisoleti anno 1633. M. S. 4.

As memorias deste Capitulo lhe fazem o seguinte Elogio. *Ocupava el medio un Pulpito donde juntos ya todos los vocales, e avida la bendicion de su Ilustrissima grave, e eloquentemente orò en latin el muy R. P. Fray Francisco de Souza Qualificador de la Suprema, Custodio de la Santa Provincia de Portugal y Secretario General de España, la exortacion al Capitulo.*

D. FRANCISCO DE SOUZA nasceu em Lisboa a 7. de Agosto de 1631. onde foraõ seus Progenitores D. Francisco de Souza, e D. Violante de Mello filha herdeira de Francisco de Faria Coelho, e D. Violante de Mello. Foy Capitão da Guarda Alemã dos Monarcas D. Affon-
Tom. II.

so VI. e D. Pedro II. Cómendador de S. Salvador da Infesta, e Santa Maria de Belmonte na Ordem de Christo, Deputado da Junta dos Tres Estados, Presidente do Senado da Camara, e da Meza da Conciencia, e Ordens, Conselheiro de Estado, e Guerra dos Reys D. Pedro II. e D. Joaõ o V. Teve aspecto gentil, juizo maduro, e discriçaõ natural. Nas Academias foy ouvido com applauso, no Conselho de Estado com respeito, e na conversação com gosto. Cultivou as Musas desde os primeiros annos sendo as suas producçoens metricas ornadas de igual elegancia, que profundidade. Foy intelligente nos idiomas Latino, Italiano, e Espanhol, e versado na liçaõ dos livros historicos, e politicos por onde se constitubio hum dos mais venerados Cortezões do seu tempo. Cazou com D. Helena de Portugal filha de D. Joaõ de Almeida o fermoso Vedor da Caça del Rey D. Joaõ o IV. e D. Violante Henriques de quem deixou descendencia. Falleceo em Lisboa a 4. de Fevereiro de 1711. com 80. annos de idade. Delle faz memoria o P. D. Antonio Caetano de Souza *Apparat. à Hist. Gen. da Cas. Real Portug.* p. 161. 2. 196. e no Tom. 7. da mesma *Hist.* liv. 7. pag. 723. e Antonio Carvalho da Costa *Corog. Portug.* Tom. 3. pag. 302. *Fidalgo muy sciente em toda a Faculdade.* Escreveo muitas Cartas dignas da luz publica que sómente lograraõ duas, escrita a primeira a Manoel de Souza Moreira em louvor do *Theatro Geneal. de la gran Casa de Sosa*, que elle compozera, e impressa ao principio desta obra. A segunda ao P. D. Rafael Bluteau em o principio do seu *Vocabulario Portuguez, e Latino.* Das suas Poesias se podera formar hum volume de justa grandeza sendo entre ellas celebre aquelle Romance, que fez extemporaneamente quando a Serenissima Rainha de Portugal D. Maria Sofia Izabel de Neoburg estava lavando as mãos na Fonte da Nimfa em a Quinta de Alcantara. Começava

En el crystal de una fuente

Lavava Clori sus manos;

Si nõ fuè que los Crystales

En sus manos se lavaron.

P. FRANCISCO DE SOUZA natural da Ilha de Taparica celebre pela pescaria das Baleas situada tres legoas defronte da Cidade de S. Salvador da Bahia Capital da America Portugueza. Pela viveza do engenho de que logo na puericia deo evidentes sinaes recebeu em o Noviciado de Goa a Roupeta de Jesuita, e passando logo a Portugal partio no anno de 1647. com outros companheiros deste Sagrado Instituto para a India onde aprendeo as sciencias amenas, e severas em que sahio egregiamente versado, e se occupou no ministerio do Pulpito, que lhe conciliou univcrsaes applausos. Segunda vez voltou a este Reyno donde embarcado em a Nào S. Pedro de Alcantara se restituhio no anno de 1665. ao Oriente. Havendo administrado por alguns annos com fervoroso zelo a Vigairaria da Igreja de N. Senhora das Neves na Ilha de Salfete foy Preposito da Casa Professa de Goa em cujo lugar mostrou a summa prudencia de que era ornado, e Deputado da Inquisição da mesma Cidade de que tomou posse a 9. de Agosto de 1700. Cheyo de merecimentos, e annos que excediaõ de 81. falleceo no Collegio de S. Paulo de Goa no anno de 1713. Compoz obrigado da obediencia imposta pelo General P. Tyrso Gonzalves.

Oriente conquistado a Jesu Christo pelos Padres da Companhia de JESUS da Provincia de Goa. Primeira Parte, na qual se contem os primeiros vinte e dous annos desta Provincia. Lisboa por Valentim da Costa Deslandes Impressor de Sua Magestade. 1710. fol.

Oriente conquistado, &c. Segunda Parte na qual se contem o que se obrou desde o anno de 1564. até o anno de 1585. Lisboa pelo dito Impressor. 1710. fol.

Oriente conquistado, &c. Terceira Parte. Conserva-se M. S. no Collegio de Santo Antão desta Corte. fol.

Nesta obra se admiraõ felizmente unidas a clareza do methodo, a elegancia do estilo, e a sciencia da Geografia, e Chronologia, partes constitutivas de huma perfeita Historia merecendo seu Author pela exacta observancia com que praticou os seus preceitos, ser collocado entre a classe dos seus mais insignes Professores.

D. FRANCISCO DE SOUZA Capitão da Guarda Alemã de Sua Magestade, Alcayde mór da Certãa, e Pedrogão, Cômendador de S. Salvador da Infesta, e de Santa Maria de Belmonte da Ordem de Christo naceo em Lisboa a 24. de Fevereiro de 1700. e teve por Progenitores a D. Philippe de Souza Capitão da Guarda Alemã delRey D. Pedro II. Deputado da Junta dos Tres Estados, e D. Catherina de Menezes filha dos Marquezes de Alegrete Manoel Telles da Sylva, e D. Luiza Coutinho, e por Avò a D. Francisco de Souza, de quem se fez a precedente memoria. Ornado de memoria igualmente firme, que prompta aprendeo com summa velocidade as linguas Latina, Italiana, Franceza, e Espanhola, as quaes fallou com elegancia, e creveo com pureza. Das letras amenas se introduzio em o conhecimento das severas alcançando pela Geografia a noticia do Globo Terraqueo, e pela Astronomia a da Esfera Celeste. Era taõ versado em a Chronologia, que distinguia com judiciosa critica os Periodos, e Epocas mais difficeis. Sendo admitido por Collega da Academia Real da Historia Portugueza a 3. de Janeiro de 1726. para escrever as Memorias Historicas dos Reys D. Pedro, e D. Fernando, e relatando em varias occasioens o progresso, que a sua applicação fazia nesta litteraria incumbencia retratou com taõ decoroso estilo o caracter de hum, e outro Principe que nem a excessiva austeridade do primeiro parecia rigor, nem a demasiada brandura do segundo era julgada por frouxidaõ. Foy para com Deos religioso, para os pobres compassivo, para os amigos fiel, e para todos afavel, e urbano. Depois de tolerar huma dilatada, e penosa enfermidade em que soffreo com animo constante as violentas operaçoens da Cirurgia passou o seu espirito ao descanso eterno a 24. de Novembro de 1723. quando contava a florente idade de 29. annos. Foy sepultado na Capella da sua illustre Casa situada na Igreja do Convento de S. Francisco de Xabregas. Compoz

Oração com que congratulou a Academia Real de estar admitido por seu Collega. Sahio no Tom. 6. da Collec. das Mem.

Mem. e Docum. da mesma Acad. Lisboa por Jozè Antonio da Sylva. 1726. fol.

Conta dos seus estudos Academicos recitada na Academia em 8. de Agosto de 1726. Sahio no Tom. 6. da *Collec.* fol.

Conta dos seus estudos Academicos em 20. de Novembro de 1727. Sahio no Tom. 7. da *Colleção dos Docum. &c.* Lisboa por Jozè Antonio da Sylva. 1727. fol.

Conta dos seus estudos Academicos a 24. de Março de 1729. Sahio no Tom. 9. da *Collec. &c.* Lisboa pelo dito Impressor. 1729. fol.

FRANCISCO DE SOUZA DE ALMADA naceo a 3. de Outubro de 1676. em huma Quinta de seus Pays Joaõ de Souza da Sylva Escrivaõ Proprietario da Chancellaria da Casa de Aveiro, e D. Violante de Noronha, e Almada, a qual està situada na Freguezia de Santa Maria Magdalena de Aldeagavinha da Merciana Termo da Villa de Alenquer do Patriarchado de Lisboa. Entre os estudos severos, que frequentou em a Universidade de Coimbra sempre conservou innocente comércio com as Musas compondo Versos de todo o genero nas linguas Latina, Portugueza, e Castellhana, que mereceo applausos em diversas Academias principalmente em a dos *Aplicados* que teve seu principio no anno de 1722. devendo-se à sua judiciousa direção o *Certame Poetico Eucharistico*, que se fez no Convento de Nossa Senhora da Graça dos Eremitas de Santo Agostinho desta Corte em 29. de Junho, e 4. de Julho de 1724. para o qual concorreraõ as Poesias mais elegantes deste Reyno, e de Castella ambiciosas de alcançar o premio prometido. Não he menos estimavel o seu talento na Poesia Comica assim profana como sagrada, e ainda na *Jocoseria*, que nunca degenera em pueril. Tem publicado as obras seguintes

In laudem eximii viri, præclarissimique Doctõris D. Raphaelis Bluteauii super Vocabulario locupletissimo quod in Lusitanorum utilitatem, totiusque Orbis miraculum immenso cum studio, ac laboris dispendio elaboravit Elogium. He de obra lapidaria. No fim. *Labyrinthus Poeticus circumcirca nomen Auctõris concludens,* Tom. II.

quod maiusculum B. demonstrat. Sahio no principio do Tom. 3. do *Vocabulario Portuguez, e Latino.* Coimbra no Real Collegio das Artes da Companhia de JESUS 1713. fol.

Ramilhete Apollineo de varias flores em nove assumptos descubertos no Nascimento do Serenissimo Principe o Senhor D. Jozè. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ. 1714. 4.

El Triunfo por la discreta. Comedia. Lisboa por Mathias Pereira da Sylva, e Joaõ Antunes Pedrozo. 1719. 4.

Relação do Certame Poetico Eucharistico, que celebraraõ os Academicos Aplicados no Convento de N. Senhora da Graça nas duas tardes de 29. de Junho, e 4. de Julho do anno de 1724. Lisboa por Pedro Ferreira. 1724. 4.

Suspiros na perda, e alivios na saudade, que exprime a alma pelos actos de suas tres Potencias na morte da Serenissima Senhora D. Francisca Infanta de Portugal divididos em duas Partes. Na primeira se expoem os suspiros, e os alivios na segunda. Lisboa por Antonio Ifidoro da Fonseca. 1736. 4.

Thalia Sacra, ou Loas Sacras Litteraes, e Allegoricas de varios Mystérios de Christo N. Senhor, de sua Mãe Santissima, e das Excellencias de alguns Santos. Lisboa na Officina Rita-Cassiana. 1736. 4.

Discurso problematico Jocosario sobre qual he mais poderosa para atrahir o coração humano, se a Musica, se a Eloquencia. Lisboa por Miguel Rodrigues Impressor do Senhor Patriarcha. 1736. 4. Sahio com o affectado nome de Affonso Gil da Fonseca.

Dous Sonetos á morte da Serenissima Senhora Infanta D. Francisca. Sahiraõ nos *Sentim. Metric. Colleção* 4. a pag. 6. Lisboa por Miguel Rodrigues. 1736. 4.

Satyrã moral contra os vicios em commum. Lisboa por Miguel Rodrigues. 1736. 4. Sahio com o nome de Franco de Affis Amado, e Luca puro anagrama do seu nome

Critica moral contra os vicios em commum. Parte segunda. Lisboa por Manoel Fernandes da Costa Impressor do Santo

Officio. 1737. 4.

Thalia Sacra, ou Dramas Sacros de varios Mysterios de Christo Senhor Nosso, da Virgem Santissima, e de alguns Santos em estilo metrico, Allegorico, e Mystico. Lisboa na Officina do Doutor Manoel Alvares Solano do Valle. 1740. 8.

Quatro Sonetos em applauso do Excellentissimo, e Reverendissimo Bispo do Porto D. Fr. Jozè Maria da Fonseca, e Evora. Sahiraõ na Collegaõ de Applausos com que a Cidade de Lisboa celebrou a chegada deste Prelado. Lisboa na Regia Officina Sylviana, e da Academia Real 1742. 4. desde pag. 107. atè 110.

Dous Sonetos á morte do Excellentissimo Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes. Sahiraõ no Obsequio Funebre á saudosa memoria do dito Conde. Lisboa por Jozè da Sylva da Natividade. 1744. 4.

O B R A S M. S.

Epigrammata varia in quinque libros distributa. Consta de 722. Epigrammas a todos os generos de assumptos com tres differenças de Obras Metametricas, que clausulaõ cada hum dos cinco livros. *Enneaticos Applausos, Encomios Poeticos, que em nove Assumptos com toda a variedade Metrica se offerecem, dedicaõ, e tributaõ ao Excellentissimo Senhor D. Gabriel de Lancastro, setimo Duque de Aveiro, e nono Duque no Estado.* Coroa-se a obra com hum Canto Heroico da fundação da Casa de Aveiro. Esta Obra consta de nove Assumptos, desde que o Duque sahio de Castella atè que se lhe confirmou a sentença, e cada Assumpto consta de nove Metros, com esta ordem, que os tres primeiros, que são dous Epigrammas Latinos, e hum Soneto, e os tres ultimos, que são dous Sonetos, o primeiro de artificio, o segundo em Labyrintho, e o terceiro em Labyrintho Latino, sempre são constantes. E os outros metros, que são os tres intermedios sempre são varios, de tal sorte, que em toda a Obra nestes intermedios se não repete hum mesmo genero de Poesia, mas sempre são varios. Obra muito laboriosa; cujos Sonetos de Labyrinthos vulgares, e Labyrinthos Latinos

tem tantas, e taõ varias transmutaçoes, que pela Arithmetica combinatoria se multiplicaõ em muitas centenas, e milhares de contos. O que se mostra na explicaçãõ das Obras Metametricas, que se faz largamente no principio com toda a exacta, e evidente demonstraçãõ. No quinto Assumpto està hum Soneto Mudo por figuras, a que chamaõ Gryphos. Todos os metros são alternados na lingua Portugueza, e Castelhana, porque o seu objecto he Castelhana pelo Pay, e Portuguez pela Mãe. fol.

Jardim Apollineo, versos sacros, e humanos. em 4.

Passatempo Academico, ou Missellaneas de varias Obras Prozas, e Versos, Obras Latinas, Castelhanas, e Portuguezas. em 4.

Floresta Portugueza, Apotegmas de Authores Portuguezes com varias addiçoens do Author.

Norte Christãõ, e Politico em dez Centurias de Dictames Moraes, Politicos, e Christãos. em 4.

Arte de Prègar construida, e fundada pelos exemplos, sentenças, e documentos do Soldo Prègadores o grande P. Antonio Vieira: em que se descobre todo o artefacto desta nobilissima Arte, para se comporem perfeitamente todos os generos de Sermoens, mostrado tudo nos seus mesmos Discursos. fol.

Apotegmas do mesmo P. Vieira, moralizados, e elucidados. em 4.

Mundo exterior, ou interior, ou Mundo visto por dentro, e por fóra. em 4.

Espelho visivel, e corporeo, da Alma incorporea, e invisivel.

Triumphus Immaculae Conceptionis. Obra em Verso, e Prosa. fol.

FRANCISCO DE SOUZA DE CASTRO Embaxador de Portugal no Reyno do Achem onde padeceo martyrio em obsequio da Fè Catholica o Veneravel P. Fr. Dionisio da Natividade Carmelita Descalço seu Confessor, e Fr. Redempto da Cruz irmão Leigo de cujo successo informou ao Geral desta Reformada Familia por huma

Carta escrita de Goa a 3. de Março de 1643. a qual sahio impressa in Itinerario Orien-

*Orientali Fr. Philippi à Trinitate. Lugduni apud Antonium Jullierin. 1649. 8. no lib. 10. cap. 1. Foy traduzida em Italiano, e sahio Venetia por Giovani Pietro Brigonci. 1667. 12. Nella afirma Francisco de Souza de Castro ter escrito aos Eminentissimos Cardiaes da Congregaçã dos Ritos para que se declare por Santo o Ven. Martyr. O Author deste Itinerario foy o que lançou o habito, e dictou Filosofia em Goa a Fr. Dionisio da Natividade, donde partio para offerecer às Sagradas Congregaçoens de Propaganda, e de Ritibus o processo do seu Martyrio feito por authoridade do Arcebispo de Goa D. Fr. Francisco dos Martyres da Ordem dos Menores. Da carta escrita por Francisco de Souza de Castro faz memoria o moderno addicionador da *Bib. Orient.* de Antonio de Leaõ. Tom. 1. tit. 4. col. 80.*

FRANCISCO DE SOUZA COUTINHO naceo na Ilha de S. Miguel onde teve por Pays a Gonçalo Vaz Coutinho Cômendador de Santa Maria de farinha podre, Governador da Ilha de S. Miguel, e a D. Jeronyma de Moraes filha de Sebastião de Moraes Thesoureiro mór do Reyno, e por Tio paterno a Fr. Luiz de Souza claro esplendor da Ordem Dominicana chamado no Seculo Manoel de Souza Coutinho. Instruido na primeira idade com a noticia das letras humanas, e preceitos da Poesia, que cultivou com igual elegancia, que facilidade se dedicou em annos mais maduros à lição da Historia sendo versado em todos os idiomas, e erudito em varias faculdades. O seu profundo talento, grande capacidade, e summa prudencia o constituhiraõ hum dos mais celebres Politicos, que respeitou a sua idade tendo por theatros das suas negociaçoens as Cortes de Suecia, Dinamarca, Olanda, França, e Roma onde com o caracter de Embaxador da Magestade delRey D. Joaõ o IV. representou a justiça do seu Soberano novamente elevado ao trono de Portugal, triunfando com artificiosa sagacidade das cavillaçoens dos Olandezes, e concluindo Tratados de que resultou igual gloria, que conservação a esta Monarchia, em cujo ministerio

consumio o largo espaço de quinze annos. Foy Cômendador de Santa Maria de farinha podre, Alcayde mór de Souzel, Conselheiro de Estado, e nomeado Governador do Brasil. Cazou em Madrid com D. Maria de Aguila, e Heredia filha de Francisco Gonçalves del Aguila, e de D. Sabina de Heredia de quem teve a D. Joanna Thereza Coutinho, que cazou com D. Diogo Fernandes de Almeida Alcayde mór de Santarem, Golegãa, e Almeirim Cômendador de Santo Andre de Villa-Boa de Quires, de quem não teve filhos. Falleceo em Lisboa a 22. de Junho de 1660 e jaz sepultado no Convento da Santissima Trindade. O seu nome celebraõ diversos Escriitores. Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo *Philip. Portug.* pag. 197. *en quien compite la sangre con el valor, la prudencia con la cortezia, & in Propugn. Lusit. Gall.* p. 198. D. Francisco Manoel *Carta dos AA. Portug. taõ luzido Escriitor, como grave Ministro* Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit.* lit. F. n. 74. *le Clede Hist. Gen. de Portug.* Tom. 2. pag. mihi 434. até 448. 532. 560. 571. 593. Menezes *Portug. Rest.* Tom. 1. pag. 158. 161. 191. 440. 640. 734. 754. e 885. e Fr. Joan. Giusep. di S. Theres. *Istoria del Brasile.* Part. 2. pag. 51. e 52. 127. e 162. e seguinte. Publicou o seguinte Manifesto pela liberdade do Senhor Infante D. Duarte apresentado na Dieta de Ratisbona, ao qual chama *eloquente, e bem fundado* D. Luiz de Menezes *Portug. Restaurad.* Tom. 1. pag. 191. e sahio com este titulo

Propositio facta Celsis prapotentibus Dominis Ordinis generalibus cõfederatarum Provinciarum Belgii in confessu publico 16. Augusti 1641. Holmiæ 1641. 4. Sahio segunda vez impresso na *Hist. di Portugallo* composta pelo Doutor Joaõ Bautista Birago liv. 5. pag. mihi 400. até 405. Foy vertido em Portuguez, e impresso em Lisboa por Jorge Rodrigues. 1641. 4. com este titulo

Manifesto, e protestaçaõ feita por Francisco de Sousa Coutinho Cômendador da Ordem de Christo, Alcaide mór da Villa de Souzel, e do Conselho delRey D. Joaõ o IV. e seu Embaxador às partes Septentrionaes, e Enviado à Dieta de Ratisbona
sobre

sobre a injusta retenção, e liberdade, que requiere do Serenissimo Infante D. Duarte Irmão do dito Senhor.

Engaños y desengaños de la vida. Sylva moral dedicada a la Señora Luiza Ponce de Leon Dama de la Serenissima Reyna de Portugal. 4. Não tem o nome do Author, nem do Impressor, e lugar da edição mas do caracter se conhece ser feita em Pariz, ou Olanda.

Memorias Historicas das suas Embaxadas. M. S. às quaes chama celebres D. Francisco Manoel de Mello *Cart. dos AA. Portuguezes* escrita ao Doutor Themudo.

Carta em Verso escrita a D. Francisco Manoel de Mello à qual respondeo com este discreto Soneto que he o 18. da Tuba de Calliope das *Obras Metricas.*

Senhor a vossa carta he já de guia

Para mi que perdido ando vivendo

Mais me cativa quando a vou mais lendo

Não tem geito de ser a d' alforria.

Serà de marear á fantezia

Que sem ramos tambem se vay perdendo.

He tudo, mas he mais segundo entendo

A da examinação da Poesia.

Ouço Platao em termos eloquentes

Homero escuto em Versos inauditos

Chore Grecia as Athenas, e as Espartas;
Vivaõ vossos escritos sobre as genes,

Que emfim quem conhecer vossos escritos

Não pôde esperar menos, que estas cartas.

FRANCISCO DE SOUZA CERQUEIRA natural de Lisboa filho de Manoel de Souza Cerqueira Mamposteiro mór dos Cativos, e Capitão das Ordenanças da Corte, e de Catherina da Sylva. Foy naturalmente estudioso da Historia profana, e principalmente da Genealogia, em que fez grandes progressos com a disciplina de D. Antonio Alvares da Cunha Senhor de Taboa, e Trinchante mór, em cuja Casa se educou. Foy Secretario do primeiro Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva em cuja Livraria se conserva escrito da propria mão

Arvores de Costados de varias familias de Portugal, e Castella. fol.

Desta obra, que muito louva, como de seu Author, que falleceo em Lisboa a 11. de Agosto de 1711. faz menção o P. D.

Antonio Caet. de Souf. *Apparat. à Hist. Gen. da Cas. Real de Portug.* pag. 151. 2. 177.

FRANCISCO DE SOUZA DA SYLVA ALCOFORADO REBELLO Senhor da Torre de Alcoforado quatro legoas distante do Porto na Freguesia de Lordello, filho de Antonio de Souza da Sylva, e D. Antonia Bernardina de Lobera, e Sylva naceo na Quinta de Sylva situada na Freguesia de S. Juliao do Calendario de Neyva no Termo de Barcellos do Arcebispado de Braga a 25. de Outubro de 1697. O feliz engenho de que o dotou a natureza lhe fez brevemente comprehender os preceitos da Grammatica Latina, e as especulaçoens da Filosofia, e Theologia, a cujas Faculdades se applicou curioso, e sahio egregiamente instruido assim como em a lição da Historia Sagrada, e Profana, e na intelligencia das linguas Castelhana, Franceza, Italiana, e Ingleza. Tem publicado

Vida de Soror Ignez de JESUS Religiosa Conversa no Convento da Anunciada desta Cidade de Lisboa insigne em virtudes. Lisboa por Mauricio Vicente de Almeyda. 1731. 8.

Vida, e morte tragica de Maria Stuart Rainha de França, e Escocia, e pertencente da Coroa de Inglaterra. Lisboa por Antonio Correa de Lemos. 1737. 4.

Manual Politico. Lisboa por Mauricio Vicente de Almeyda. 1733. 12. He hum instrução para hum homem viver na Corte. Sahio com o nome suposto de Luiz Florencio da Sylva.

Vida de Alcibiades. 4. M. S. Nesta obra intenta formar hum Principe Politico reprehendendo os vicios, e louvando as virtudes daquelle celebre Grego.

Faz memoria do seu nome o Doutor Anselmo Caetano Muños de Abreu na Dedicatória da segunda Parte da *Ennea*, ou applicação do entendimento sobre a pedra Filosofal. Lisboa na Officina de Mauricio Vicente de Almeyda. 1732. 4.

FRANCISCO DE SOUZA TAVARES filho de Gonçalo Tavares Senhor de Mira, Cômendador da Ordem de Christo, e de D. Izabel de Castro foy exem:

exemplar de proezas militares, e de ações virtuosas. Militou na India Oriental com o posto de Capitão do Malabar contra os inimigos do Estado de quem alcançou multiplicados triunfos. Querendo conquistar o Ceo se alistou em outra mais nobre milicia qual foy a reformada Provincia da Piedade onde praticando com exacta observancia os preceitos do Serafico Instituto passou a coroar-se na eternidade em o Convento de Santo Antonio da Villa de Aveyro. Foy cazado com D. Maria da Sylva filha de Joaõ de Mello da Sylva de quem teve a D. Magdalena de Vilhena, que foy cazada com D. Joaõ de Portugal neta de D. Francisco de Portugal primeiro Conde do Vimioso a qual supondo, que morrera na batalha de Alcacer passou as segundas vodas com Manoel de Souza Coutinho os quaes fantamente se divorciaraõ recebendo elle o habito de S. Domingos com o nome de Fr. Luiz de Souza em o Convento de Bemfica, e ella em o Mosteiro do Sacramento chamando-se Soror Magdalena das Chagas. Sendo Francisco de Souza Tavares Testamenteiro do insigne Capitão, e zeloso Apostolo das Ilhas Malucas Antonio Galvaõ publicou no anno de 1563. em Lisboa na Imprensaõ de Joaõ Barreira

Tratado dos descobrimentos antigos, e modernos, &c. que achara entre outros seus escritos, e o dedicou a D. Joaõ de Lancastro Duque de Aveiro cuja larga Dedicatoria sahio impressa ao principio do mesmo Tratado, que se reimprimio. Lisboa na Officina Ferreiriana. 1731. fol. Publicou mais

Livro da doutrina espiritual. Contem os Tratados seguintes. 1. *que cousa he Oração, e da necessidade, e obrigaçãõ della.* 2. *Esposiçãõ do Padre Nosso.* 3. *Avizos para os principiantes, ou peccadores se exercitarem na consideraçãõ dos beneficios de Deos.* 4. *Documentos para o principiante espiritual andar com a mente em Deos.* 5. *Defensãõ da vida espiritual, e oraçãõ.* 6. *Admoestaçãõ charitativa.* 7. *Opuscolo do Estado da contemplaçãõ.* 8. *Outro do Estado da Cruz.* 9. *Admoestaçãõ do Anjo ao espirito, que guarda para o persuadir a se unir a Deos com humildade.* Lisboa por Joaõ Barreira. 1564. 8.

Fazem delle memoria Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. Litter. lit. F. n. 76.* Cardoso *Agiol. Lusit. Tom. 2. pag. 140.* Coment. de 11. de Março letr. C. Fr. Joan. à D. Ant. *Bib. Francisc. Tom. 2. pag. 438. col. 2.* Fr. Luc. de S. Catherina *Hist. da Prov. de S. Domingos de Portug. Part. 4. liv. 3. cap. 11.*

FRANCISCO TAVARES PACHECO cuja Patria, e estado de vida ignoramos. Escreveo

Relacion de las Fiestas, que se hizieron en Villaviciosa Corte del Excelentissimo Señor Duque de Bragança, y las capitulaciones de su cazamiento con la Excelentissima, y Serenissima Señora D. Luiza Francisca de Gusman hija del Señor Duque de Medina, y Sidonia. fol. Naõ tem anno nem lugar da Imprensaõ, da qual vimos hum exemplar.

Fr. FRANCISCO DE SANTA THEREZA naceo em a Cidade do Funchal Capital da Ilha da Madeira onde teve por Pays a Francisco da Costa, e Maria das Neves. No Real Convento do Carmo de Lisboa recebeu o habito a 14. de Outubro de 1669. cujo sagrado Instituto solemnemente professou a 15. do dito mez do anno seguinte. Como era perfeitamente instruido nas letras humanas, e lingua Latina foy admitido por Collegial no Collegio de Coimbra a 13. de Outubro de 1673. onde aprendeo com disvelo as sciencias escholasticas, e as dictou com applauso recebendo o grão de Doutor na Faculdade Theologica em aquella Universidade, sendo hum dos melhores Opositores às Cadeiras de que o privou intempestivamente a morte em o anno de 1698. Foy singular Poeta assim em a lingua Latina como Materna, e Castelhana, e excellente Orador, e profundo Escriturario. Delle se lembraõ honorificamente Carvalho *Corog. Portug. Tom. 3. liv. 2. Trat. 8. cap. 47.* e Fr. Manoel de Sã Mem. *Histor. dos Escrit. do Carm. da Prov. de Portug. pag. 173.* Deixou composto ainda que imperfeito hum volume, que se conserva M. S. em o Collegio de Coimbra intitulado

Alphabetum Theologicum duplici delineatum

neatum regula scholastica una, & concionatoria altera. fol.

FRANCISCO DE SANTA THEREZA naceo na Cidade do Porto a 2. de Julho de 1685. onde deveo á virtuosa educaçõ de seus Pays Antonio da Costa, e Ignacia Pinta a eleiçã de largar o mundo, e receber a murça de Conego Secular do Evangelista em o Convento de Villar de Frades a 11. de Fevereiro de 1700. Tendo aprendido os primeiros rudimentos na patria acabou de estudar Grammatica em o Real Collegio das Artes em Coimbra, e no Collegio, que a sua Congregaçã tem nesta Cidade aprendeo, e dictou as Sciencias de Filosofia, e Theologia em cuja sublime Faculdade lhe conferio a Academia Conimbricense o grao de Doutor a 26. de Julho de 1714. Foy Reytor do mesmo Collegio, e Provedor do Hospital Real de Coimbra. Nesta Cidade com as suas declamaçoens evangelicas converteo innumeraveis estudantes da vida licenciosa para o caminho da penitencia sendo cada palavra hum trovã, que despertava aos que jaziaõ sepultados em seus vicios. Falleceo no Collegio de Coimbra com geral opiniaõ de virtuoso a 17. de Novembro de 1739. quando contava 54. annos de idade. Com o suposto nome do P. Manoel Correa da Azambuja Cura da Freguesia de Nossa Senhora da Graça da Torre de Val de todos do Bispado de Coimbra. Publicou

Tratado do Cerimonial da Missa rezada conforme as Rubricas do Missal Romano reformado. Coimbra por Antonio Simoens Ferreira. 1733. 8.

Compendio de Indulgencias, e devoçoens em duas partes dividido. Na primeira se trata das Indulgencias em comum, e em particular, e no fim se poem o Decreto de Innocencio XI. das Indulgencias apocri-fas. Na segunda se explica, que cousa seja verdadeira devoçaõ, e se propoem varias devoçoens extrahidas de Authores pios para se aproveitarem dellas os que forem devotos. Coimbra pelo dito Impressor. 1734. 8.

Tinha composto com grande estudo, que deixou imperfecto.

Commentaria in Magistrum Senten-

tiarum. fol. M. S.

Fr. FRANCISCO DE SANTA THEREZA POMBO naceo na Villa de Santarem, e na Parochial Igreja de Santa Iria recebeo a primeira graça a 19. de Novembro de 1692. sendo filho do Licenciado Manoel de Oliveira da Costa professor da Medicina, e Maria das Neves. Chegando à idade de desenove annos professou o Instituto Serafico da Terceira Ordem da Penitencia no Convento de N. Senhora de JESUS desta Corte a 24. de Junho de 1711. Estudou Filosofia no Collegio de Santa Catherina distante meya legoa da sua patria, e Theologia no Collegio de S. Pedro de Coimbra, e nestas duas Faculdades defendeo Conclusoens publicas com grande applauso do seu talento. Preferio o ministerio do pulpito ao da Cadeira pelo qual tem alcançado estimaçoens naõ a merecendo desigual pelo espirito poetico de que he dotado. De diversos assumptos assim sagrados, como profanos escritos na lingua Latina, Portugueza, e Castelhana fez huma Colleçaõ que intenta dar à luz publica com o seguinte titulo

Miscellanea Proso-Poetica. 4. M. S.

Fr. FRANCISCO DE SANTA THEREZA XAVIER filho de Antonio da Sylva Ferreira, e Catherina Correa naceo em Lisboa, e na Parochial Igreja de N. Senhora da Encarnaçã recebeo a primeira graça a 28. de Dezembro de 1704. Depois de estudar Grammatica com o P. Gaspar Simoens insigne Professor de letras humanas, e Filosofia no Collegio patrio dos Padres Jesuitas, recebeo o penitente habito de S. Francisco em o Convento de Alãquer da Provincia de Portugal a 2. de Mayo de 1712. Tanto se adiantou o seu talento na applicaçã das sciencias severas, que no anno de 1733. foy nomeado Lente de Artes em o Convento de S. Francisco do Porto donde crescendo com os annos a fama da sua litteratura passou por ordem real em 12. de Fevereiro de 1737. a ler a Cadeira da Sagrada Escritura no magnifico Convento de N. Senhora, e Santo Antonio dos Religiosos Arrabidos junto da Villa de Ma-
fra

fra onde prefidio a tres actos litterarios de Theologia Positiva com geral aclamação dos seus estudos. Da lição desta Cadeira foy transferido para dictar Theologia Elcholastica em o Convento de S. Francisco da Cidade. Sendo Qualificador do Santo Officio, e Consultor da Bulla da Cruzada, subio ao honorifico lugar de Provincial a 22. de Mayo de 1745. quando contava 41. de idade. Publicou.

Sermaõ do Serafico Patriarcha S. Francisco pregado no seu Convento de Lisboa na Solemnidade que lhe dedicou no anno de 1738. a sua Veneravel Ordem Terceira em dia do Rosario da Mãy de Deos estando o Santissimo exposto, e assistindo na mesma Celebridade a Veneravel Ordem Terceira de S. Domingos. Lisboa na Officina da Musica 1739. 4.

Oração de Sapiencia recitada na presença del Rey D. João o V. Principe, e Infantes, quando se abrião os Estudos de Filosofia, Theologia Especulativa, Moral, e Positiva em o Real Convento de Mafra. M. S.

FRANCISCO DE S. THOMAS naceo na Cidade do Porto a 29. de Agosto de 1661. sendo filho de Domingos Teixeira Sylva, e D. Maria Pereira, e Irmaõ de Fr. Fernando da Soledade Provincial, e Chronista da Ordem Serafica da Provincia de Portugal de quem se fez memoria em seu lugar. Na idade da adolescencia recebeu a murça de Conego Secular do Evangelista amado, e em taõ florente Congregaçõ fructificou o seu penetrante engenho assim nas especulaçoens Theologicas, em cuja lição jubilo, como nas declamaçoens Evangelicas com as quais adquerio aplauzo o seu nome, colheo fruto o seu zelo discorrendo por diversas partes do Reyno para despertar aos pecadores do lethargo da culpa. Acompanhava até o patibulo aos reos dos mayores crimes exhortando-os com apostolica eficacia à verdadeira contriçõ de suas culpas para que tolerando resignados o suplicio se fizessem merecedores da salvaçõ eterna. Foy Examinador Synodal dos Bispados de Lamego, e Porto. Falleceo no Convento de S. João de Xabregas

Tom. II.

Cabeça da Congregaçõ dos Conegos Seculares neste Reyno a 30. de Setembro de 1726. com 65. annos de idade e 45. de Religiaõ. Publicou.

Discurso Encomiastico do Sagrado Benjamim de Christo, e filho adoptivo da mesma Mãy de Deos, o grande Evangelista S. João. Lisboa por Manoel Lopes Ferreira. 1701. 4.

Sermaõ do grande Evangelista S. João em o Real Convento da Esperança. Lisboa por Antonio Pedrozo Galraõ 1702. 4.

Sermaõ do nosso insigne Portugues S. Antonio na occurrencia do Lausperenne na Parochial de S. Jorge desta Cidade de Lisboa a 24. de Novembro de 1701. Lisboa pelo mesmo Impressor 1702. 4.

Oração funebre na luçtuosa morte del Rey D. Pedro II. Nosso Senhor Lisboa por Manoel, e Jozeph Lopes Ferreira. 1707. 4.

Sermaõ do Excelso Principe dos Anjos o Archanjo S. Miguel pregado no Real Convento das Religiosas de S. Clara da Villa do Conde. Lisboa por Jozeph Lopes Ferreira Impressor da Augustissima Rainha Nossa Senhora 1714. 4.

Sermaõ nas Exequias do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. Francisco de S. Jeronimo Geral que foy duas vezes dos Conegos Seculares da Congregaçõ do Evangelista, Dignissimo Bispo do Rio de Janeiro do Conselho de S. Magestade que se fizerão no Convento de Santo Eloy de Lisboa Oriental. Lisboa por Francisco Xavier de Andrade 1723. 4. Deste Sermaõ faz memoria o moderno addicionador da *Bib. Occid.* de Antonio de Leaõ Append. 2. Tit. 26.

Epitome de Nossa Senhora do Valle, em que se trata da sua admiravel, e miraculosa imagem, que se venera no Convento dos Conegos Seculares da Congregaçõ de S. João Evangelista da Cidade do Porto, como tambem da sua escravidã, e Novena. Lisboa por Jozeph Lopes Ferreira. 1714. 24.

Caminho do Ceo encuberto no espirital prado da doutrina Christãa, descuberto em hum Dialogo entre Mestre, e discipulo com perguntas, e repostas. Lisboa por Pedro Ferreira. 1626. 8.

Fasciculus Catholicæ veritatis. fol.

Mm

De

De Potestate Clavium. fol.

Curfus Philosophicus. fol.

Estas tres obras escritas da sua mão se conservaõ na Livraria do Convento de S. Bento de Xabregas Cabeça da Congregação dos Conegos Seculares do Evangelista.

FRANCISCO TEYXEYRA

Presbitero, e familiar da casa do Illustrissimo Arcebispo de Cranganor, e da Serra D. Francisco Garcia da Companhia de JESUS que foy Sagrado em Goa em o primeiro de Novembro de 1637. com o titulo de Bispo de Ascalona por D. Estevaõ de Brito Arcebispo de Cranganor, em cuja dignidade lhe succedeo. Atendendo à sciencia, e inculpavel vida de Francisco Teixeira o fez Cura da sua Cathedral, e Vigario da Vara da Fortaleza de Cranganor. Para de algum modo agradecer os grandes beneficios que recebera deste Prelado, escreveu.

Vida do Illustrissimo D. Francisco Garcia Arcebispo de Cranganor, em que se relata os successos da sua Igreja no seu tempo, e de seus Antecessores D. Francisco Roz, D. Estevaõ de Brito Jesuitas; açoens que obrou o seu zelo pastoral em beneficio das suas ovelhas; a ultima doença, morte, enterro com as suas exequias que se lhe celebraraõ, e Poezias, que se dedicaraõ à sua memoria. Dedicou esta obra à Cidade de Cochim em 20. de Dezembro de 1659. havendo passado a millhor vida este zelozo Prelado a 3. de Setembro do dito anno. Está escrita com muita individuação, e clareza como vimos em hum volume de folha M. S.

FRANCISCO TEYXEYRA CHAVES natural da Villa de Alanquer do Patriarchado de Lisboa, e morador na Cidade de S. Luiz do Maranhão por cuja assistencia se fez muito perito assim em as Antiguidades, como na Geografia daquelle Estado. Escreveo no anno de 1690. e dedicou a Gomes Freyre de Andrade.

Relação Historica, e politica dos tumultos da Cidade de S. Luiz Metropo-

le do Estado do Maranhão que succederão no anno de 1684. com a descripção geografica do dito Estado, e successos, que em seu descobrimento, e conquista, e Fundação houve, e os progressos da sua Restauração pelos Portuguezes seus habitadores sendo invadido dos Olandezes desde o anno de 1499. até o de 1686. M. S.

Fr. FRANCISCO DE SAMTIAGO natural de Lisboa donde passando a Castellã recebeu o habito de Carmelita calçado. Foy hum dos mais celebres professores de Musica que floreceraõ na sua idade por cuja sciencia assim practica como especulativa chegou a ser Mestre desta suavissima Arte nas Cathedraes de Placencia, e Sevilha. Mereceo grandes estimaçoens do Serenissimo Rey D. João o IV. insigne Mecenas desta armonica faculdade principalmente quando ainda sendo Duque de Bragança o tratou com muito familiaridade em Villa Viçosa. Falleceõ na Cidade de Sevilha a 13. de Outubro de 1646. O seu Retrato de corpo natural se conserva primorosamente pintado na Bibliotheca Real da Musica onde na Estante 34. n. 787. e Estant. 35. n. 797. e 804. da qual se imprimio o Index. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1649. se conservaõ as seguintes obras em que depositou a profunda sciencia que alcançara da Musica.

Dixit Dominus. a 8. vozes.

Beatus vir. a 8. vozes.

Laudate pueri. a 4.

Nisi Dominus. a 6.

Lauda anima mea Dominum. a 12.

Ecce nunc benedicite Dominum a fol. e a 4.

Cum invocarem. a 12.

Beatus vir. a 10. vozes de 8. Tom.

Quomodo sedet sola civitas. a 8.

Cogitavit Dominus. a 6.

Manum suam misit hostis. fol. com diversos instrumentos.

Ego vir videns paupertatem meam. a 12. com varios instrumentos.

Responsorios da 5. feyra mayor. e 6. feyra a 8.

Salve Regina. a 16. vozes.

Ave Regina caelorum. a 4.

Regina caeli letare. a 8.

Victime

Victimæ Paschalis. a 8.

Dies iræ dies illa. a 4.

Si queris miracula. a 8.

Diversos Motetes, e Vilhancicos de Natal, Sacramento, Nossa Senhora, e outros Santos.

Fr. FRANCISCO DE SAM TIA-
GO Nasceo em a Cidade do Porto sendo filho de Francisco Leitaõ, e Maria Vieira. Depois de ter aprendido na Patria os primeiros rudimentos recebeu o habito Serafico em o Convento de Santo Antonio de Ferreirim da Provincia de Portugal distante tres quartos de legoa de Cidade de Lamego a 12. de Agosto de 1677. Passada a carreira dos Estudos Escolasticos, e sahindo bom Prêgador passou ao Brazil onde exercitou este ministerio com geral aceitaçaõ dos Ouvintes. Restituído ao Reyno foy eleito Guardiaõ do Convento do Porto em o anno de 1709. em cujo lugar deu taes argumentos da sua vigilante economia que depois de ser Definidor o nomeou o Reverendissimo Ministro Geral da Ordem Fr. Jozè Gracia Comissario Geral dos Lugares da Terra Santa neste Reyno, e suas Conquistas devendo-se à sua actividade, e zelo o augmento das Conductas, que annualmente se remetem para Jerusalem. Para excitar nos coraçoes Catholicos ardente devoçaõ, e affecto para a conservaçaõ daquelles lugares santos escreveu.

Relaçãõ Summaria, e noticia dos lugares santos de Jerusalem, e dos mais, que na Terra Santa, e Palestina está de posse, e em que tem muitos Conventos, e Hospicios a Religiãõ dos Frades Menores da Regular observancia do grande Patriarcha dos pobres o Serafico Padre S. Francisco sobre o direito com que a dita Religiãõ os possui: dos grandes tributos, que alli se pagaõ, dos muitos, e innumeraveis trabalhos, que seus Religiosos alli padecem não só dos inheis Turcos, se não tambem dos Scismaticos Gregos; tudo a fim da sua inteira, e devida conservaçaõ. Lisboa na Officina de Miguel Manescal. 1716. 4.

Intentou reimprimir adicionada:
Chronica da Terra Santa composta por
Tom. II.

Fr. Joaõ de Calañoria Franciscano, e impressa em Madrid no anno de 1684: in fol. para cujo fim mandou abrir com grande perfeiçaõ, e não menor despeza em Laminas de cobre a descripçaõ da Cidade Santa, e os principaes lugares onde foraõ obrados os Misterios da nossa Redempçaõ, porèm a morte que intempestivamente o arrebatou em 13. de Março de 1718. em o Convento de Nossa Senhora das Portas do Ceo distante hum legoa de Lisboa lhe não permitio pôr o ultimo complemento a esta obra.

FRANCISCO DE TORRES filho de Joaõ de Torres, e Maria de Seyxas natural de Coimbra em cuja Universidade recebeu as insignias doutoraes na Faculdade de Theologia, e foy Qualificador do Santo Officio. Sendo Conego Magistral na Cathedral do Algarve provido a 20. de Novembro de 1693. passou com a mesma dignidade para a Primacial de Braga a 24. de Abril de 1703. onde foy Provisor, e ultimamente obteve o mesmo Canonicato em a Sé de Coimbra a 25. de Mayo de 1707. Teve o aspecto grave, estatura grande, juizo prudente, e genio afavel. Falleceo na sua Patria a 15. de Junho de 1722. quando contava 64. annos de idade. De poucos Sermoes que prêgou sendo dignos de luz publica unicamente a logrou o seguinte.

Sermaõ do acto publico da Fè que se celebrou no pateo de S. Miguel da Cidade de Coimbra em 7. de Julho de 1720. Coimbra na Officina do Real Collegio das Artes 1720. 4.

Fr. FRANCISCO TRAVASSOS cuja Patria, e Religiãõ que professou se ignora. Foy insigne Poeta, e como tal he louvado entre o seu Coro por Jacinto Cordeiro *Elog. dos Poet. Lusit. Estanc.* 53.

*Fr. Francisco Travassos ya Sirena,
Duplica tierno canto melodia.*

Talvez suspende su fecunda vena,

Los que passan el mar de su Thalia,

Que astuto Ulysses el passarle ordena,

Aunque de Circe hermosa la porfia,

Lè avize la dulçura de sus Laffos.

*Que nõ ençantem los versos de Trava-
sjos.* Mm ij Com:

Compoz muitas Poefias, sendo entre ellas as mais famofas huma Canção que principia.

Mandado-me ha amor cantar un poco. &c. e o Soneto.

Quiz, e não quiz, e quero não querendo. &c.

FRANCISCO TRIGUEIROS GOES filho de Manoel Fernandes de Crafo, e Mariana de Goes nasceu em Lisboa onde instruido com as primeiras letras passou à Universidade de Coimbra, e applicando-se ao estudo da Jurisprudencia Cesarea recebeu com applauzo dos Cathedaticos o grau de Bacharel naquella Faculdade. Restituido à patria exercitou o Officio de Advogado de Causas Forenses com grande fama da sua sciencia juridica para a qual concorria a penetrante viveza, e feliz memoria de que era ornado. Teve sufficiente noticia das letras humanas, e da Historia Sagrada, e profana. Falleceo na Patria a 29. de Junho de 1732. Jaz sepultado no Convento de Nossa Senhora da Boa Hora dos Agostinhos Descalços. Compoz.

Allegação de Direito a favor do Prior, e mais Beneficiados da Parochial Igreja de S. Nicolao do Patriarchado de Lisboa Occidental, e do Real Padroado da Rainha Nossa Senhora em que se impugna o Decreto que os Padres da Congregação do Oratorio conseguiram não sendo ouvidos o Prior, Beneficiados, e outros legitimos contradictores para obrigar a que se lhe vendessem varias propriedades de Casas da Rua nova da Almada districto da mesma Freguesia para extenderem o sitio que habitão. Lisboa na Officina da Musica. 1730. fol.

Ecco Juridico contra as vozes das reflexoens, que formão os Reverendos Padres da Congregação do Oratorio desta Cidade de Lisboa Occidental oppostas à Allegação de direito, que se deu à luz a favor do Prior, e Beneficiados da Igreja Parochial de S. Nicolao do Padroado da Rainha Nossa Senhora dividido em 3. Partes. Na primeira responde à intitulada noticia fiel de todo o facto que se envolve nesta questão. Na 2. contradiz aos

12. fundamentos que se expendem por parte da Congregação. Na 3. desvanece todas as reflexoens contrarias à sobredita Allegação a qual de novo vay impressa no fim desta obra. Lisboa na mesma Officina 1731. fol.

D. FRANCISCO DA TRINDADE natural da Villa de Fonte Arcada titulo de Viscondado situada em a Provincia da Beyra, filho de Antonio Ferreira, e Vitoria Antunes, Conego Regular de Santo Agostinho cujo habito recebeu no Real Convento da Santa Cruz de Coimbra a 27. de Setembro de 1616. Dicitou Theologia em o seu Collegio de Coimbra em cuja Universidade foy admitido ao numero dos Doutores Theologos sendo taó grande Letrado, como excellente Prègador. Morreo em Coimbra a 13. de Junho de 1654. Publicou

Sermão prègado no Real Convento de Santa Cruz quando primeiro que a Sé, Mosteiros, e Collegios deu a Deos graças por dar a este Reyno o invictissimo Rey D. João o IV. Nosso Senhor em 12. de Dezembro de 1640. Lisboa por Manoel da Silva. 1642. 4. Tinha prompto para a impressão.

Commentaria in Jonam Prophetam. fol. M. S.

Destá obra escreve D. Nicolao de Santa Maria Chron. dos Coneg. Regul. liv. 10. cap. 27. q. 25. estar composta com muita erudição; e delicados conceitos.

Fr. FRANCISCO DA TRINDADE natural da Cidade de Lisboa onde recebendo o Habito de S. Domingos partio para a India, e no Convento de Goa depois de professo leyo Artes, e Theologia em cuja Faculdade tomou o grão de Presentado. Sendo Parocho em os Rios de Sena converteo a muitos Gentios, e entre elles bautizou a dous filhos do Emperador de Monomotapa dos quaes era hum o herdeiro da Coroa Imperial devendo-se à eficacia das suas vozes animadas de zelo apostolico, que não somente deixassem a cegueira do Paganismo, mas que desprezassem as pompas do seculo professando o Sagrado institu-

to da Ordem dos Prègadores. Governava neste tempo o Estado da India o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes a quem ordenou a Magestade delRey D. Joaõ o V. trouxese para este Reyno em sua companhia ao Principe de Monomotapa com aquelle decoro que era dividido à sua pessoa, mas como o Viso-Rey arribou infaustamente à Ilha de Mascarenhas no anno de 1722. onde foy despojado pelos Piratas, entre as Pessoas que saltaraõ em terra foy o Principe que brevemente falleceo de huma grave enfermidade. Restituido Fr. Francisco a Portugal assistio em o Convento de S. Domingos desta Corte sendo Prègador do Serenissimo Infante D. Francisco onde falleceo a 27. de Mayo de 1730. Quando foy Parocho dos Rios de Sena compoz na lingua deste Paiz.

Cathecismo, ou Confessionario necessario para uzo dos naturaes do Estado de Monomotapa. M. S. Desta obra como de seu author faz menção Fr. Pedro Monteiro *Claustr. Domin.* Tom. 3. pag. 219.

Fr. FRANCISCO DA TRINDADE natural do Couto de Semide da Comarca de Coimbra filho do Doutor Antonio Botelho de Macedo, e D. Anna Maria de Brito. Aprendidas as primeiras letras na patria recebeu o penitente habito de S. Francisco no Real Convento de Lisboa em 20. de Abril de 1725. onde o seu grande engenho fez taõ agigantados progressos nas sciencias levas que mereceo depois de ter lido hum curso de Artes em o Convento de Guimaraens regentar a Cadeira de Prima de Theologia Moral por espaço de tres annos em o Real Convento da Mafra sustentando quatro Conclusoens publicas com naõ pequeno credito da sua litteratura, e recitando a Oração de Sapiencia no principio desta leitura em que moltrou como era egregiamente instruido na lingua Latina, e nos preceitos da Oratoria. Restituido à sua Provincia leu a Cadeira de Vespóra no Convento de Santarem donde foy eleito Guardiaõ do Convento de S. Francisco da Cidade a 25. de Mayo de 1743. Tem composto.

De Sacramentis in genere. M. S.

Directorium Morale. M. S.
De Diluvio Universalis. M. S.

FRANCISCO VAHIA TEIXEIRA natural de Braga filho de Francisco Rodrigues Ferreira, e Maria Vahia Teixeira, e Irmaõ do insigne Fr. Jeronymo Vahia Monge de S. Bento de quem em seu lugar se fará larga memoria. Foy hum dos famosos professores da Jurisprudencia Cesarea que admirou a Universidade de Coimbra, onde sendo admitido a Collegial de S. Pedro a 10. de Abril de 1638. e laureado com a borla doutoral naquella Faculdade da qual explicou com profunda subtileza os mais difficultozos Textos, sendo Lente de Instituta a 7. de Outubro de 1637. dos Tres livros do Codigo a 12. de Mayo de 1642. do Digesto Velho a 29. de Janeiro de 1654. e da Cadeira de Prima a 31. de Mayo de 1659. onde jubilou no anno de 1664. Foy Dezembargador da Casa da Suplicação de que tomou posse a 17. de Fevereiro de 1650. e dos Aggravos por seu Procurador o Dezembargador Joaõ Leite a 31. de Mayo de 1649. donde passou ao Dezembargo do Paço. Delle faz memoria o Doutor Manoel Pereira da Silva Leal *Catalog. dos Colleg. do Colleg. de S. Pedro.* n. 85. As principaes Postillas que dictou no tempo do seu Magisterio dignas da impressaõ são as seguintes.

Commentaria ad Tit. ff. de Testamentis.

ad Tit. ff. de Usu capionibus.

ad L. 1. ff. de donationibus inter virum & uxorem.

ad L. unic. ex delictis defunctorum in quantum heredes.

ad Tit. Cod. de Jure Fisci lib. 10.

ad Tit. Cod. de inofficiosis dotibus.

ad Tit. ff. de Servitutibus.

FRANCISCO VALASCO DE GOUVEA natural de Lisboa, e filho segundo do Doutor Alvaro Valasco celebre Jurisconsulto de quem se fez larga memoria em seu lugar, e D. Brites de Gouvea. A penetrante comprehensãõ que teve para as letras amenas foy infal-

livel

livel final dos progressos que havia fazer em as severas sendo a Academia Conimbricense o theatro onde brilhou o seu agudo engenho nas especulaçoens do Direito Pontificio em que se não excedeo, certamente competio com seu grande Pay nas Interpretaçoens que fez ao Cesareo. Admetido ao numero dos Doutores subio a regentar huma Cathedrilha de Canones a 30. de Março de 1607. donde passou à Cadeira de Sexto a 28. de Novembro de 1614. do Decreto a 13. de Março de 1623. de Vespóra a 17. de Outubro de 1625. em que jubilou no anno de 1633. Da especulaçã da Jurisprudencia passou à Practica em os lugares de Desembargador da Casa da Supplicação a 27. de Fevereiro de 1649. e dos Aggravos a 10. de Novembro de 1650. onde regulou as suas Decisoens mais pelos dictames da Justiça, que pelas delicadezas do discurso. Impellido do zelo da Patria armou a sua penna contra os seus mais robustos antagonistas defendendo com solidos fundamentos estabelecidos sobre as bazes de hum, e outro Direito a Justiça com que Portugal aclamou por seu Soberano ao Serenissimo D. Joaõ o IV. e detestando a horrorosa perfidia com que Alemanha alliada com Castella concorreraõ para a prizaõ do Infante D. Duarte. Foy Arce-diago de Villa-Nova de Cerveira em a Cathedral de Braga com jurisdicaõ de visitar sessenta e oito Igrejas Parochiaes do dito Arcebispado. Falleceo de hum accidente apopletico em a sua Patria quando excedia a idade de 79. annos. Nicolao Monteiro *Vox Turtur. in Proæm. Art. 1. o intitula Præceptor communis super æthera notus. Fr. Franc. à D. Aug. Propug. Lusit. Gallic. pag. 207. hujus ævi Litterarium Oraculum. Ant. Figueira Duraõ na Dedicatoria que lhe fez do seu Poema Ignatiados entre outros louvores lhe diz nostri seculi Jurisconsultum eminentissimum, Lusitaniæ decus, Ulyssiponis non leve ornamentum, cujus scientiam pene incredibilem Juris Cæsarii, & Pontificii Professores admirantur. Joan-Soar. de Brito Theatr. Lusit. Litter. Lit. F. n. 83. In Conimbricensi Academia publicus, ac emeritus professor nominatissimus. D. Franc. Manoel*

de Mello Cart. dos AA. Portug. escrita ao Doutor Themudo. Na sua Justificação de Portugal obra ao Mundo tão agradavel como penosa a nossos inimigos, que em vão trabalhã por escurecella. Compoz.

Justa Aclamação do Serenissimo Rey de Portugal D. Joaõ o IV. Tratado Analytico dividido em tres partes ordenado, e divulgado em nome do mesmo Reyno em Justificação de sua Acção. Lisboa por Lourenço de Anveires. 1644. fol. Esta obra sahio por elle mesmo vertida em Latim com o titulo seguinte.

Joannes IV. Serenissimus Portugallie Rex juste consalutatus ab eodem Regno suo. Tractatus Analyticus in tres divisus partes, compositus, & vulgatus Regni nomine pro justitia actionis suæ summo Pontifici Ecclesie Catholice, Regibus, Populisque liberus Christiani orbis dicatus. Ulyssipone apud Laurentium de Anveires. 1645. fol.

Perfidia de Alemania, y de Castilla en la prision, entrega, acusacion, y processo del Serenissimo Infante D. Duarte: fidelidad de los Portuguezes en la aclamacion de su legitimo Rey el muy alto, e muy poderoso D. Juan IV. deste nombre Nuestro Señor Padre de la Patria, Restaurador de la libertad contra los pertensos derechos de la Corona Castellana. Responde-se a lo que errada, fatua, y escandalosamente quizo escrever D. Nicolas Fernandes de Castro Senador de Milan, y en Salamanca Cathedratico de la Cathedra pequena delCodigo. Lisboa na Officina Crasbeeckiana 1652. fol.

Rezoens em final offerecidas por parte de Francisco Vaz de Gouvea Lente da Cadeira de Sexto na Universidade de Coimbra contra o Doutor Francisco Leitãõ na causa do ferimento que lhe foy feita em Coimbra. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1618. fol.

Allegaçã de Direito pelo Duque de Torres Novas D. Raimundo contra o Marquez de Porto seguro seu Tio sobre a successã do Estado, e Casa de Aveiro por falecimento da Senhora Duqueza D. Juliana. Lisboa por Jorge Rodrigues. 1637. fol.

Allegaçã na qual se mostra por Direito

reito; por Breves dos Summos Pontifices, Alvaras dos Senhores Reys, por sentenças em Juizo contencioso, por consultas da Meza da Consciencia, pela Regra, Estatutos, e definiçoens da Ordem, e por juramento, como o dinheiro dos tres quartos da Ordem de Christo se não pôde gastar mais que nas obras, e fabrica do Convento de Thomar, e suas cazas. Sahio impressa no livro Memorial do Geral da Ordem de Christo, e Religiosos della à Magestade del Rey D. João o IV. Lisboa 1648. fol.

Parecer sobre a Thesouraria mór da Sé de Lisboa. Impresso no Tom. 3. das Decisoens do Doutor Manoel da Fonceca Themudo. Decif. 334.

Carta Laudatoria em aplauzo das Decisoens do dito Themudo escrita no anno de 1643. a qual sahio no primeiro Tomo das Decisoens deste Author.

As mais celebres Postillas, que dictou na Univerfidade foraõ as seguintes.

Ad Text. de Fidei jussoribus. Principiada no anno de 1611. e acabada em 1613.

Ad Tit. et Tex. in Clement. unic. de Restitutione in integrum. Começada em 1613.

Ad Text. de Officio, & Potestate Judicis Delegati lib. 6. em o anno de 1615.

Ad Text. de Alienatione Judicii mutandi causa facti. Começada a 4. de Março de 1620.

In Decretales de Solutionibus.

In Sext. Decretal. Regula Is qui in Jus 46.

FRANCISCO DE VALHADOLID natural da Cidade do Funchal capital da Ilha da Madeira onde teve por Mestres da Musica ao Conego Manoel Fernandes, e em Lisboa a João Alvres Provo Bibliothecario da Bibliotheca Real da Musica, e Conego de Quarta Pretenda em a Cathedral de Lisboa de quem em seu lugar se fará menção, e com a disciplina de taõ insignes professores da quella armonica faculdade sahio egregiamente instruido, de tal modo que foy Mestre do Seminario Archiepiscopal de Lisboa, e ultimamente na Parochia dos Santos Martires Verissimo, Maxima,

e Iulia, onde fallecendo a 16. de Julho de 1700. jaz sepultado. Preparava para a impressãõ hum livro em que comprehendia os Mysterios da Musica assim practica, como especulativa, que impedido pela morte, não acabou. Compoz.

Missa a 6. vozes. Outra a 8. outra a 14. outra a 16.

Missa de Defuntos. a 4.

Psalmos de Vesporas, e Completas. a 8.

Psalmos de Noa a 4.

Lamentação da 4. feyra de Trevas a 4.

Lamentação de 5. feyra mayor. a 4.

Responsorios das tres Matinas da Semana Santa. a 4.

Misereres a diversas vozes.

Ladainha de N. Senhora a 8. e 12. vozes.

Varios Motetes a 3. 4. 7. e 8. vozes.

P. FRANCISCO DO VALLE religioso da Companhia de Jesus traduzio da Lingua Castellhana do Padre Martinho de Roa da mesma Companhia, em a materna, e dedicou ao Serenissimo Duque de Bragança D. João que depois subio ao trono de Portugal.

Estado dos Bemaventurados no Ceo; dos meninos no Limbo; dos condenados no inferno, e de todo este universo depois da Resurreição, Juizo Universal. Lisboa por Antonio Alvres. 1628. 12.

P. FRANCISCO VALENTE natural de Lisboa donde deixando a casa de seus Pays Jorge Valente, e Anna Nunes recebeu quando contava quinze annos de idade em o Collegio de Evora aroupeita da Companhia de Jesus a 13. de Janeiro de 1594. Nesta sagrada palestra ensinou seis annos letras humanas, e nove as sciencias escholasticas com grande fruto dos seus discipulos, sendo igualmente douto na Jurisprudencia Cesarea, e Pontificia, como na Theologia Positiva, e Mystica. Depois de ser Revisor dos livros em Roma, foy Reitor dos Collegios de Angra, e Braga, e duas vezes Proposito da Casa de S. Roque onde

onde passou a millhor vida a 23. de Novembro de 1662. com 83. annos de idade, e 68. de Religião. *Fuit vir zelo magno præditus observantiæ regularis, & Instituti Societatis egregie peritus* diz delle a *Bib. Societ.* pag. 263. col. 1. Franco *Ann. Glor. S. J. in Lusit.* p. 701. *Doctissimus fuit utriusque juris; et Annal. S. J. in Lusit.* pag. 333. §. 12. *Homo fuit antiquæ sinceritatis sine doli umbra.* e na *Imag. da virtud em o Nov. de Evor.* pag. 865. Teve grande zelo da observancia religiosa. Joan. Soar. de Brit. *Theatr. Lusit. liter. lit. F. n. 84.* Compoz.

Concordia Juris Pontificii cum Cæsareo, et cum Theologica ratione: de causis, & effectibus Divini, & Humani Juris in genere ad Titulos de summa Trinitate &c. De Constitutionibus, et XX. Distinctiones Decreti. Parisiis apud Sebastianum Cramoyssi. 1654. fol.

De rebus Societatis JESUS. Tinha prompto para imprimir este volume como a firma o P. Antonio Franco *Annal. S. I. in Lusit.* pag. 333. §. 14.

Oratio de laudibus Sapientie habita in Collegio Ulyssiponensi D. Antonii Magni. anno 1605. M. S.

Fr. FRANCISCO VALESIO natural de Lisboa filho de Antonio Borges Valesio, e Luiza Franca Leal. No Convento patrio recebeu o habito de Carmelita calçado a 31. de Dezembro de 1709. Estudou Filosofia, e Theologia no Collegio de Coimbra em cuja Universidade foy admittido ao numero dos Doutores. He excellente latino, elegante Orador, e muito versado nas letras humanas. Recebendo em 23. de Janeiro de 1722. a borla doutoral em a faculdade Theologica Fr. Jozeph de Villas Boas Carmelita recitou em o seu aplauzo huma Oração Latina, que se imprimio no mesmo anno na Officina do Real Collegio das Artes, da qual como de seu Author faz menção Fr. Manoel de Sá nas *Memor. dos Escrit. Portug. da Ord. do Carm.* pag. 175.

FRANCISCO VANEGAS natural de Lisboa, e Familiar da Casa do Illuf-

trissimo D. Garcerano Albanelli Mestre que foy de Felipe IV. e depois Arcebispo de Granada. Foy summamente versado, e egregiamente perito nas letras humanas, e Antiguidades Romanas, cuja profunda noticia bebo dos milhores Authores assim Gregos, como Latinos que se conservaõ na sumptuoza Bibliotheca do Real Convento de S. Lourenço do Escorial, onde continuadamente assistia. Escreveo.

Prolegomena in L. Cælium Lactantium Firmianum et cæteros Authores, qui scripserunt adversus gentes disputationes. Como tambem.

Commentaria ad librum primum Lactantii, & ad librum de falsa religione usque ad Cap. XXII. et ad librum de origine erroris usque ad Cap. V. variasque lectiones.

Esta obra a firma Niculao Antonio *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 376. col. 2. que a vira acabada em poder de Martim Vafques Siruela Racioneiro da Cathedral de Sevilha.

FRANCISCO DE VASCONCELLOS COUTINHO natural da Cidade do Funchal, Capital da Ilha da Madeira Bacharel formado pela Universidade de Coimbra em os Sagrados Canones, insigne Poeta cujo espirito se arrebatava ao cume do Parnasso com tal elevação, que por voto dos mayores cultores da taõ divina Arte excedia o seu entusiasmo a mais penetrante comprehensão sendo os seus versos cadentes, discretos, elegantes, e claros. Dos muitos que a sua fecunda Musa produzio se publicaraõ os seguintes.

Feudo do Parnasso, e victima numerosa consagrada ás Aras da Soberana Magestade do muito alto, e poderoso Rey D. Joã o V. Lisboa por Pedro Ferreira 1729. 4. Saõ Tercetos.

Hecatombe Metrico consagrado ás Aras da Cruz Santissima, e à pureza immaculada da sempre Virgem Maria N. Senhora. Lisboa pelo dito Impressor. 1729. 4.

Fabula de Polifemo, e Galatea. Conta de 73. Outavas começa.

Aonde Thetis com grilhoens luctes. &c. Sahio

Sahio impressa com *sete Sonetos a diversos Assumptos* desde pag. 1. até 32. no Tom. 2. da *Feniz renacida, ou obras poeticas dos milhores engenhos Portuguezes*. Lisboa por Jozeph Lopes Ferreira Impressor da Serenissima Rainha. 1717. 8.

Trinta, e dous Sonetos a varios assumptos. Sahiraõ impressos desde pag. 220. até 251. do Tom. 3. da *Feniz renacida &c.* Lisboa pelo mesmo Impresor. 1718. 8.

FRANCISCO VAZ natural da Villa de Guimaraens Presbitero pio, e devoto, como manifesta a obra seguinte que publicou.

Obra da muita dolorosa morte, e paixão de N. S. JESU Christo conforme a escrevem os quatro Santos Evangelistas. Evora por Manoel de Lira 1593. 4. Braga por Fructuoso do Basto 1613. 4. Evora por Francisco Simoens. Lisboa por Antonio Alvres 1617. e 1639. 4. e Lisboa por Domingos Carneiro 1659. 4. Deixou compostas outras obras poeticas divinas, e humanas.

FRANCISCO VAZ DE ALMADA não sómente illustre por nascimento, como pela fama que adquirio em o Oriente sendo Capitaõ no anno de 1613. de huma Nao da Armada de que era Capitaõ Mór D. Henrique de Noronha contra o Malabar, exercitando o mesmo posto na vitoria que alcançou o General Luiz de Brito de Mello dos moradores da Cidade de Barbute em cujas expediçoens se ostentou formidavel aos inimigos do Estado. Navegando em o anno de 1621. em a Náo S. Joaõ Bautista de que era Capitaõ Pedro de Moraes Sarmento padeceo lastimoso naufragio no Cabo da Boa Esperança de cujo tragico successo compoz anarração seguinte.

Tratado do successo que teve a Náo S. Joaõ Bautista, e jornada que fez a gente que della escapou desde trinta, e tres grãos no Cabo da Boa Esperança onde fez naufragio até Zofala hindo sempre marchando por terra. Lisboa por Pedro Carsbeeck. 1625. 4. Fazem illustre memoria do seu nome Faria *Asia Portug.*

Tom. II.

Tom. 3. part. 3. cap. 1. n. 5. cap. 13. n. 16. e cap. 17. n. 19. Nicol. Ant. *Bib. Hisp.* Tom. 1. pag. 377. col. 2. Ant. de Leon, *Bib. Orient.* Tit. 13. Joan. Soar. da Brit. *Theatr. Lus. Liter.* lit. F. n. 82.

FRANCISCO VAZ TAGARRO natural da Villa de Obidos onde aprendeo alingua Latina, e letras humanas, e na Universidade de Coimbra Jurisprudencia Civel em cuja Faculdade recebeu o grão de Bacharel. Foy hum dos mais celebres Advogados que teve esta Corte sendo muito respeitadas as suas Allegaçoes que fez sobre causas gravissimas onde competia a profundidade da sciencia com a delicadeza do discurso. Foy cazado com D. Mariana Thereza de quem não teve filhos. Morreo na patria a 24. de Abril de 1724. e jaz sepultado na Parochial Igreja de N. Senhora da Encarnação Publicou.

Allegação practica, e juridica sobre a posse, e successão do Titulo, e Caza da Feira contra os Senhores Procuradores da Coroa, e Infantado a favor de D. Alvaro Pereira Forjas Coutinho. Lisboa por Mathias Pereira da Sylva, e Joaõ Antunes Pedrozo. 1720. fol.

P. FRANCISCO VELHO natural do lugar de S. Andre de Palma termo de Barcellos do Arcebispado de Braga filho de Joaõ Alvares Velho, e de Catherina Affonso. Na tenra idade de quinze annos abraçou o instituto da Companhia de Jesus em Lisboa a 9. de Março de 1620. Dictou humanidades seis annos, e Filosofia no Collegio de Lisboa. Em Roma foy Substituto do Assistente desta Provincia, e Penitenciario em o celebre Sanctuario da Casa do Loureto. Contrahindo huma grande enfermidade da assistencia que fazia aos soldados do Exercito de Entre Douro, e Minho ao tempo que se recolhia ao Collegio de Braga falleceo no Hospital de Ponte de Lima, que administraõ os religiosos de S. Joaõ de Deos, a 30. de Novembro de 1662. Foy muito douto nas letras humanas, e antiguidades Ecclesiasticas. Compoz.

Nn

Vida

Vida de Santo Olympio. Desta obra faz menção Cardoso *Agiol. Lusit.* Tom. 3. pag. 655. no Comment. de 12. de Junho letr. B. e Nicolao Antonio *Bib. Hisp.* Tom. 2. pag. 325. col. 1.

Vida de Santo Epitacio Martyr. Faz memoria desta obra Fr. Pedro Poyares *Paneg. da Villa de Barcel.* cap. 98. pag. 227.

Sendo Mestre de Humanidades compoz huma Elegia à morte do P. Francisco de Mendocça que sahio impressa no principio do seu *Viridario.* Lugduni apud Laurentium Anisson. 1649. fol.

Tem por titulo a Elegia.

Lugduni, seu Gallici leonis Olyssiponi de obitu Mendocæ Epistola. Começa.

Sic ad Ulyssæam scribit Leo Gallicus Urbem.

Sed tamen ut Lybicus non viget ore leo.

Faz honorifica memoria delle o P. Antonio Franco *Ann. Glor. S. I. in Lusit.* pag. 718. et in *Annal. S. I. in Lusit.* pag. 333. §. 15.

P. FRANCISCO DA VEYGA natural de Villa Viçosa da Diocese de Evora filho de Francisco Cordeiro, e Maria Fagundes. No Real Collegio desta Cidade se alistou na Companhia de JESUS a 5. de Junho de 1617. quando contava 17. annos de idade. Aprendeo as letras humanas, e divinas com disvelo, e as dictou com aplauzo, principalmente quando foy Mestre da Sagrada Escritura em a Universidade de Evora. Observou com escrupulosa exação os preceitos do seu instituto. Foy muito amante da pobreza, e inimigo da communicação com Seculares. Prégou com grande fructo dos ouvintes sendo o seu total empenho plantar virtudes, e estirpar vicios. Ao tempo que tinha feito todos os actos literarios para se graduar Doutor em a Faculdade da Theologia foy intempestivamente arrebatado pela morte a 7. de Dezembro de 1643. com 43. annos de idade e 26. de Religião. Delle se lembra Franco *Annal. S. J. Lusit.* pag. 285. §. 2. *Clarescebat ad scientias tradendas ingenio felici* e *Ann. Glorios. S. J. in Lu-*

str. pag. 731. Compoz.

Commentaria in Ionam Prophetam. fol. M. S.

Fr. FRANCISCO DA VEYGA naturalda Villa de Barcellos do Arcebispado de Braga filho do Doutor Thomaz Rodrigues da Veyga lente de Prima de Medicina em a Universidade de Coimbra, e de D. Helena Pinheira irmãa do insigne Jurisconsulto o Dezembargador Thome Pinheiro da Veyga dos quais ambos se fará distinta memoria em seus lugares. Professou a instituto Serafico em a Provincia de Portugal onde depois de estudar as sciencias necessarias para o pulpito exercitou este sagrado ministerio com zelo apostolico reprehendendo as culpas, e ocultando os culpados de que se seguiraõ admiraveis conversoens. Retirado para o Convento da Ilha da Madeira se sepultou em huma cova pelo espaço de seis mezes sendo o seu unico alimento as eruas, que produzia o campo, de cuja rigorosa abstinencia contrahio a enfermidade que o affligio largo tempo até ser transferido ao eterno descanso. Compoz.

Perfeição da Vida Evangelica. 2. Tom. M. S. Os quais estavaõ com despacho do Dezembargo do Paço de 21. de Janeiro de 1634. em que o Author vivia para que os revisse Fr. Martinho Moniz Religioso Carmelita observante.

Fruto do Sangue de Christo sobre as palavras do Capitulo 20. de S. Matheos Calicem meumbibetis. 4. 2. Tom. Esta-vaõ com approvação da Ordem para se imprimirem.

Sermoens diversos de Nossa Senhora, das suas nove Festas do anno, e outras particulares dedicados à Immaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora, honra, Tymbre, solar, devisa, e profissão da Ordem Serafica. Começa a Dedicatoria. Quando ponho os olhos, Immaculada Princeza, nas muitas obrigaçoens que a Sagrada Religião Franciscana vos tem em lhe dares a honra de Defensora da vossa Immaculada Conceição, eu como filho &c. Consta. de 29. Sermoens. 4. M. S. Fr. Fernando da Soledade. *Hist. Seraf. da Prov. de Portug.* Part. 5. cap.

29. n. 459. faz menção desta obra a qual como a precedente conservava em seu poder Fr. Luiz de S. Francisco sobrinho do Author de quem se fará memoria em seu lugar.

P. FRANCISCO VIEYRA natural da Villa da Arruda do Patriarchado de Lisboa foy admitido em o Collegio de Coimbra à Companhia de JESUS a 15. de Janeiro de 1544. onde igualmente cultivou as letras, e as virtudes. Depois de ser Superior da Caza de Santo Antão em Lisboa dezejezo de pregar o Evangelho nas Regioens Orientaes partio com faculdade dos Superiores a 24. de Março de 1553. em a Náo Santa Cruz de que era Capitaõ Belchior de Souza Lobo em cuja navegação posto que impellido dos ventos arribasse a Lisboa, exercitou com os enfermos todo o genero de charidade. Segunda vez tentou tão prolongada jornada, e embarcado com o Vice-Rey D. Pedro Mascarenhas em a Náo São Boaventura aportou felizmente a Goa a 23. de Setembro de 1554. Para exercicio do seu apostolico espirito passou com outros companheiros em o anno de 1557. às Ilhas Molucas onde agregou muitas almas ao conhecimento da verdadeira Divindade padecendo na cultura de vinha tão agreste intoleraveis trabalhos sendo buscado por El-Rey de Geilolo para o privar da vida até que recebeu o premio delles na eternidade gloriosa. Fazem menção deste Varaõ Evangelico Telles. *Chron. da Comp. de Jesus da Prov. de Portug.* Part. 2. liv. 4. cap. 22. §. 7. e liv. 5. cap. 4. §. 1. e cap. 49. §. 2. Maffeo de *Reb. Ind.* lib. 16. Franc. *Ann. glor. S. I. in Lusit.* pag. 775. Escreveo.

Carta ao Geral escrita de Ternate a 18. de Fevereiro de 1558. Na qual refere o martyrio do Padre Affonso de Castro, conversão de hum Rey, e Christandade daquellas partes. Desta carta se fez hum extracto na Lingua Latina que sahio com outras. *Lovanii apud Rutgerum Velpium 1569.* 8. a pag. 225.

Carta escrita das Molucas aos Padres da Provincia de Portugal a 9. de Março de 1559. Consta de nove paginas. Tom. II.

Carta escrita das Molucas aos mesmos Padres a 29. de Janeiro de 1568. Estas duas Cartas com outras duas se conservaõ no Archivo da Caza professa de S. Roque de Lisboa.

Relação do Martyrio do V. P. Ioaõ Bautista Machado. Conserva-se M. S. no Cartorio do Collegio de Coimbra como afirma o Padre Antonio Franco *Imag. da virtud. do Novic. de Lisboa.* Liv. 2. cap. 24. §. 25.

Fr. FRANCISCO VIEYRA natural de Villa-Real em a Provincia Transmontana filho de Pays igualmente nobres, que opulentos chamados Gaspar Ferreira de Azevedo, e Izabel Vieyra de Souza. Ainda contava poucos annos de idade, e muitos de madureza quando deixando a Caza paterna elegeu a Religiaõ dos Eremitas de S. Agostinho professando o seu instituto no Real Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa a 6. de Mayo de 1669. Tal era a viveza com que comprehendeo as sciencias severas que ao mesmo tempo cauzava enveja aos condiscipulos, e admiração aos Mestres. Laureado com as insignias Doutoraes na Faculdade Theologica pela Universidade de Coimbra a 14. de Fevereiro de 1685. a illustrou com o seu Magisterio em as mayores Cadeiras, sendo Lente de Gabriel a 23. de Outubro de 1706. da Escritura a 26. de Janeiro de 1714. de Vespóra em 12. de Novembro de 1716. e ultimamente de Prima em o primeiro de Outubro de 1717. A sua grande literatura se não coarctou às especulaçoens da Theologia, mas com excessõ a todos os Cathedraticos se extendia à intelligencia das Escrituras, noticia da Historia Sagrada, e Profana, lição dos Oradores, e Poetas antigos como testemunhavaõ todos, que participavaõ da sua conversação sempre agradável, e judiciousa. Não mereceo menor aplauzo o seu talento no pulpito que na Cadeira sendo as suas declamaçoens Evangelicas deregidas à reforma dos costumes, e extinção dos vicios. Retirado à sua patria se preparou com repetidos actos de observante Religioso para a morte que o privou da vida a 25. de Setembro

bro de 1720 quando contava 71 annos de idade, e 51. de religião. Jaz sepultado no Capitulo do Convento de S. Domingos de Villa Real em cuja Campa se deve gravar por epitafio as palavras que delle escreveu o Padre Fr. Manoel de Figueredo *Flos Sanct. Aug.* Tom. 4. pag. 140. *Consumado Theologo em todas as Escolas, e plausivel nos argumentos.* Compoz.

Sermaõ da Terça sexta feira de Quaresma na Capella Real da Universidade de Coimbra. Coimbra por Jozé Ferreira Impressor da Universidade. 1689. 4.

Sermaõ da Anunciaçõ da Senhora e Encarnaçõ do Divino Verbo no Collegio da Graça em 1687. Coimbra pelo dito Impressor. 1689. 4.

Sermaõ na ultima Tarde do Triduo que no Convento de Santo Agostinho da Cidade do Porto se celebrou em 28 de Outubro de 1689. na Tresladaçõ do Sacramento para a nova Igreja dedicada ao mesmo Santo Agostinho com a circumstancia da felice nova do nascimento do Principe que Deos guarde porque chegou quando se dava principio a solemnidade. Coimbra por Manoel Dias Impressor da Universidade 1689. 4.

Sermaõ da Quarta Dominga de Quaresma na Sé de Coimbra. Lisboa por Miguel Manescal 1691. 4.

Sermaõ do Auto da Fé que se celebrou no pateo de S. Miguel da Cidade de Coimbra em 19. de Junho de 1718. Coimbra na Officina do Real Collegio das Artes da Companhia de IESUS 1718. 4.

Voz Evangelica, que nos mudos caracteres da estampa catholicamente brada, e se divulga em quarenta Sermoens Panegyricos festivos, como tambem funebres, e Quaresmaes. Coimbra por Antonio Simoens Impressor da Universidade. 1708. fol.

FRANCISCO VIEYRA PINTO filho de Francisco Pinto da Fonceca, e de Jeronima Pinto da Fonceca. Foy Reytor da Igreja de S. Pedro de Valongo situada junto a ponte do Rio Vouga em o Bispado de Coimbra em cujo

beneficio foy provido sendo D. Ioaõ de Mello dignissimo Bispo desta Cathedral. Era muito aplicado ao estudo da Genealogia escrevendo.

Familia dos Pintos historiada. M.S.

P. FRANCISCO XAVIER natural de Lisboa filho de Domingos Ioaõ, e Domingas Pedroza recebeu a roupeta de S. Filipe Neri em a Congregaçõ do Oratorio da sua patria a 26. de Abril de 1688, onde dictou Filosofia, e Theologia com profundidade, e pregou com elegancia. Foy Qualificador do Santo Officio, e duasvezes Propozito da Caza de Lisboa, e huma em a da Villa de Estremos. Teve o aspecto grave, genio afavel, comprehensãõ sublime, e coraçõ pio. Ornado de todas as virtudes, que constituhem hum perfeito Regular falleceo em a Congregaçõ de Estremos a 6. de Novembro de 1732. depois de tolerar com admiravel resignaçõ as molestias de hum prolongado achaque. Foy taõ sentida a sua morte que em 11 de Dezembro se lhe dedicaraõ sumptuozas exequias na Igreja de Santo Andre da Villa de Estremos fechando todo este funebre obzequio o Doutor Manoel Martins Fontes da Sylveira, que fez das suas virtuosas açoens hum elegante Panegyrico. Compoz

Parecer sobre acontroversia dos Reverendos Padres da Congregaçõ do Oratorio com os Reverendos Parochos, e Clero secular do Patriarchado de Lisboa sobre a precedencia na Procissãõ do Corpo de Deos. Escrita em Lisboa a 6. de Junho de 1719. fol. Impresso 1722. sem lugar nem nome de Impressor, mas do caracter se conhece ser em Olanda.

Sermoens Varios 1. Tomo. Lisboa na Officina da Congregaçõ do Oratorio 1735. 4.

Sermoens Varios 2. Tomo. ibi na mesma Officina 1736. 4.

FRANCISCO XAVIER Naceo em Lisboa a 2. de Dezembro de 1685. sendo seus Pays Antonio Dias, e Catherina do Espirito Santo. Quando contava 15. annos de idade foy admetido à Congregaçõ do Oratorio da Villa de Estremós